

FACULDADE DE SÃO BENTO

BACHARELADO EM TEOLOGIA

ANDREA LEITE CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA COMUNIDADE CRISTÃ
COMO TESTEMUHA DA FÉ EM CRISTO**

SÃO PAULO

2019

FACULDADE DE SÃO BENTO

BACHARELADO EM TEOLOGIA

A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA COMUNIDADE CRISTÃ COMO TESTEMUNHA DA FÉ EM CRISTO

ANDREA LEITE CARVALHO

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade de São Bento do Mosteiro de São Bento, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Magno Vilela

SÃO PAULO

2019

ANDREA LEITE CARVALHO

**A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA COMUNIDADE CRISTÃ COMO
TESTEMUNHA DA FÉ EM CRISTO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade de São Bento do Mosteiro de São Bento, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Magno Vilela

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado
pela banca examinadora em 07/11/2019.

Prof. Me. Magno Vilela

Prof. Dr. Domingos Zamagna

Prof. Dr. Sergio Alejandro Ribaric

Dedico este trabalho a todas as mulheres que ardorosamente doam suas vidas por amor a Deus e ao próximo, sendo testemunhas de que somos chamadas a contribuir com nosso ser feminino, na construção de um mundo mais humano e fraterno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por ter me conduzido até aqui, por tantas graças obtidas, pelo dom que este trabalho se tornou na minha vida e por seu infinito amor para comigo. Pela minha família, presente inestimável de Deus, que souberam me educar na fé e no amor, levando-me a dar passos que nunca imaginei que seria capaz se não fossem o apoio e a fortaleza que eles me deram.

Agradeço ao Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata, minha família religiosa, na pessoa de Ir. Gabriella Bono, que me deu a oportunidade de aprender tão valiosos ensinamentos que levarei para toda a minha vida. Meu agradecimento especial à minha formadora, Ir. Emma Leonor Rodrigues e às minhas queridas irmãs da Comunidade Madre Tecla, Ir. Dinalva Moratelli, Ir. Cecília José França Costa, Ir. Carleta Longo e Ir. Maria Schmitz, pois não só me apoiaram como também contribuíram na construção deste trabalho. Às irmãs Ir. Delma M. Marques dos Santos, Ir. Ortência Antunes da Silva e Ir. Pier Leônia Grando, pelas partilhas de vida e missão na Somália, cuja contribuição deu mais vida ao meu trabalho. Às irmãs Ir. Hedvigis Giacomozzi e Ir. Melania Lessa que me ajudaram na correção e complementação do meu trabalho.

Sou grata também a todos os meus professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica nestes três anos de curso, especialmente ao Prof. Magno Vilela, responsável pela orientação do meu projeto. Obrigada por esclarecer tantas dúvidas e ser tão atencioso comigo.

Aos meus colegas de classe que partilharam suas vidas e contribuíram com meu crescimento pessoal, em especial ao Alexandre Schiavenin (in memoriam), que foi para mim um grande amigo.

A todos o meu muito obrigada!

*“Em verdade, em verdade, eu vos digo,
se o grão de trigo que cai em terra não
morre, ele fica só; se, ao contrário, ele
morrer, produzirá fruto em abundância”*

(Jo 12,24).

RESUMO

A partir da Beatificação de Leonella Sgorbati, irmã missionária da Consolata, assassinada na Somália em 2006, parece que a importância e o espaço de uma mais incisiva presença feminina na Igreja vêm se expandindo; ela verdadeiramente testemunha Cristo e promove fraternidade nos lugares mais desafiantes. Isso provocou a necessidade de refletir sobre o papel da mulher na comunidade cristã e como resgatar sua importância nos dias atuais. Sendo assim, o presente trabalho é uma tentativa de evidenciar e valorizar a identidade da mulher. Para isso, apresentam-se figuras femininas ilustres da Bíblia, da história do cristianismo primitivo e da atualidade, especialmente Leonella Sgorbati, a fim de que inspirem a construir um mundo tecido pela harmonia e beleza. Além disso, mostra-se como o Magistério da Igreja recente tem se preocupado em dar respostas concretas aos inúmeros desafios que vão surgindo a respeito da mulher, tanto dentro como fora da Igreja. Por isso, este trabalho é de grande relevância nos dias atuais, pois deixa claro que ao longo da história, as mulheres foram capazes de se entregar inteiramente a Cristo, doando suas vidas à causa humana. São mulheres que venceram os desafios de sua época, atravessaram as areias do tempo e até mudaram o curso da história com seus grandes feitos.

Palavras-chave: mulher, testemunha, martírio, entrega, compromisso, amor incondicional.

ABSTRACT

From the Beatification of Leonella Sgorbati, Consolata Missionary Sister, murdered in Somalia in 2006, the importance and the spaces of a more incisive feminine presence in the Church, it seems, are expanding: she truly witnesses Christ and fosters brotherhood in the most challenging places. This has led to the need to reflect more deeply on the role of women in the Christian Community and how to reclaim their importance today. Thus, the present work is an attempt to highlight and value the identity of women. To this end, we present important feminine figures from the Bible, the history of early Christianity and the present, especially Leonella Sgorbati, in order to inspire women to build a world woven by harmony and beauty. Moreover, it shows how the recent Magisterium of the Church has been concerned with giving concrete answers to the many challenges that arise regarding women, both inside and outside the Church. Therefore, this work is of great relevance today, since it makes clear that throughout history, women have been able to surrender themselves entirely to Christ, giving life for the human cause. They are women who have overcome the challenges of their era, crossed the sands of time and even changed the course of history with their great deeds.

Keywords: woman, witness, martyrdom, surrender, commitment, unconditional love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. A FIGURA E O PAPEL DAS MULHERES NA BÍBLIA.....	13
1.1. A mulher no Antigo Testamento	13
1.2. A mulher no Novo Testamento	17
1.2.1. Evangelhos	17
1.2.2. Jesus e as mulheres.....	18
1.2.3. Maria, a Mãe de Jesus.	20
1.2.4. Maria Madalena.....	21
1.2.5. As mulheres nas comunidades primitivas a partir das Cartas Paulinas	24
1.2.6. O Diaconato feminino	26
1.2.7. Lídia e as auxiliares de Paulo	26
CAPÍTULO 2. AS MÁRTIRES NOS TRÊS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO.....	28
2.1. Testemunhos de mulheres mártires.	28
2.1.1. Santa Tecla	29
2.1.2. Santa Blandina.....	31
2.1.3. As mártires de Alexandria.....	32
2.1.4. Os vários homens e mulheres, que combateram de diversas maneiras.	32
2.1.5. As últimas testemunhas	33
2.2. A vida e o testemunho das mulheres citadas no Cânon do Missal Romano. ..	35
2.2.1. Santas Perpétua e Felicidade	35
2.2.2. Santa Águeda.....	37
2.2.3. Santa Luzia	38
2.2.4. Santa Inês	38
2.2.5. Santa Cecília.....	40
2.2.6. Santa Anastácia	42
CAPÍTULO 3. AS MULHERES E OS PADRES DA IGREJA	44

3.1.	A mulher na perspectiva do Magistério recente da Igreja.....	44
3.2.	O ascetismo feminino.....	47
3.3.	Santa Macrina, a jovem.....	49
3.4.	Santa Marcela, Santa Paula e Santa Eustóquia.....	51
3.5.	Santa Mônica.....	53
3.6.	Santa Olímpia.....	53
3.7.	Proba, a viúva.....	54

**CAPÍTULO 4. NA ATUALIDADE: O TESTEMUNHO DE IR. LEONELLA
SGORBATI, MISSIONÁRIA DA CONSOLATA. 56**

4.1.	O martírio segundo o carisma do Bem Aventurado José Allamano.....	56
4.2.	Breve biografia de Ir. Leonella Sgorbati.....	59
4.3.	A missão das Missionárias da Consolata na Somália.....	61
4.4.	Aspectos carismáticos vividos por Leonella Sgorbati.....	65
4.5.	Repercussão mundial após sua morte.....	68

CONCLUSÃO..... 70

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 72

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A importância da mulher na comunidade cristã como testemunha da fé em Cristo*, tem como enfoque as mulheres mártires dos primeiros séculos do cristianismo e da atualidade. O objetivo desta pesquisa é resgatar elementos históricos que contribuem para a compreensão da importância da mulher na comunidade cristã, buscando grandes exemplos de mulheres que foram testemunhas do seguimento de Cristo com a entrega total de suas vidas até o ápice, o martírio.

Além disso, busca-se compreender o papel da mulher nas primeiras comunidades cristãs e o que as levaram a entregar suas vidas de maneira plena em favor da integridade de sua fé; e por fim contribuir na realização do carisma das Irmãs Missionárias da Consolata que são chamadas a entregar suas vidas em favor dos mais necessitados, de maneira especial, na elevação social das mulheres.

Ao iniciar os estudos de Teologia, deparei com informações de mulheres que foram destaque no início do cristianismo, sendo protagonistas de muitos fatos importantes e testemunhas da fé em Cristo de maneira radical. Esses dados históricos me levaram a confrontar a realidade e a refletir sobre o papel da mulher na Igreja Católica hoje.

Através da Beatificação da Ir. Leonella Sgorbati, missionária da Consolata que morreu assassinada na Somália em 2006, percebeu-se o quanto a mulher é forte e capaz de realizar obras de grande importância para a Igreja hoje, mas que ainda há muitas resistências e dificuldades para a aceitação de suas qualidades tanto para os homens como para as próprias mulheres dentro da comunidade. Com base nestes dados, surgiu a seguinte questão: Como resgatar a importância da mulher para a Igreja como testemunha de sua fé em Cristo nos dias atuais?

A partir dessa indagação, dos estudos realizados em sala de aula e de pesquisas, descobri que havia um grande número de mulheres que acompanharam Jesus e posteriormente seus discípulos sendo testemunhas de sua fé por toda a vida, até mesmo com a morte caso fosse necessário. Contudo, não há muitas informações no Novo Testamento sobre elas e ao longo dos anos, as mulheres permaneceram ocultas diante da impossibilidade de assumirem responsabilidades na comunidade cristã.

Na atualidade, vemos que as mulheres ainda são a maioria nas atividades da Igreja Católica, incluindo Missas e trabalhos pastorais. Por isso, torna-se necessário

uma pesquisa que também propicie uma reflexão sobre a importância da mulher na comunidade cristã, para resgatar sua identidade de membro vivo da Igreja que possui papel imprescindível no Corpo Místico de Cristo.

Tendo como base as experiências vividas por mim e por mulheres com as quais tive contato, percebo que ainda somos minoria nos cursos de Teologia, tendo pouco incentivo tanto das próprias congregações religiosas femininas, como por parte dos leigos. Além disso, quando algumas instituições religiosas oferecem a oportunidade dos estudos teológicos, estes não são prioridade. Surgem então outros desafios, como por exemplo, conciliar estudos e responsabilidades tanto do instituto como pastorais.

Acredito que este trabalho irá contribuir tanto no âmbito acadêmico como pastoral. Neste se unirá teoria e prática com modelos de mulheres que ao longo de suas vidas souberam lutar para que a fé em Cristo fosse disseminada por meio de lutas diárias.

Portanto, esta pesquisa que trata especificamente das mulheres, poderá clarificar alguns acontecimentos históricos que possibilitarão conhecer pontos relativos ao papel da mulher cristã católica, tanto na família como na comunidade cristã. Poderá também elevar a autoestima da mesma que vive em meio a uma sociedade na qual ela é vista como um ser inferior e frágil, incapaz de tomar suas próprias decisões e contribuir para o crescimento da sociedade e da Igreja.

Atualmente há muitas discussões sobre a igualdade de gênero, ideologia de gênero, machismo, feminismo, entre outros. Surge então a necessidade de realizar pesquisas científicas com base na teologia para dar respostas a essas questões, pois muitas pessoas não possuem o conhecimento necessário para dialogar de maneira racional e respeitosa sobre estes assuntos.

Com base nisso, vê-se que com a disseminação do feminismo, perde-se a referência de mulheres que, por meio de suas características femininas, souberam lutar por seus ideais de fé e convicções por uma vida melhor para si e para os seus. Parte-se do pressuposto de igualdade, sem levar em consideração que é a diversidade que a torna mulher, com suas características próprias do feminino que trazem o equilíbrio à humanidade.

Além disso, as próprias mulheres, de maneira geral, precisam conhecer melhor a própria história, os acontecimentos que surgiram ao longo do tempo e que interferem de maneira considerável no modo de viver e agir da sociedade, para resgatarem sua

autoestima, tomarem parte de suas histórias pessoais, de seus desejos e anseios. Somente assim conseguirão ter uma base sólida que se perpetuará ao longo de gerações.

Em suma, no intuito de resgatar a importância da mulher para a Igreja como testemunha de sua fé em Cristo nos dias atuais, torna-se necessário conhecer aspectos históricos, modelos de mulheres que tiveram atitudes heroicas além de seu tempo e conhecer atitudes próprias do feminino. Deste modo, a mulher será capaz de transcender seus próprios objetivos, dar-se sem reservas para a realização plena da vontade de Deus em sua vida, tornando-se testemunha de fé para os que estão a sua volta sendo ponto de referência e de encontro para os que ainda não fizeram a experiência de Cristo.

CAPÍTULO 1. A FIGURA E O PAPEL DAS MULHERES NA BÍBLIA

Em nosso trabalho trataremos de apresentar a partir de uma reflexão histórica e teológica, a importância da mulher como testemunha de sua fé em Cristo tendo como ênfase as mulheres mártires. Surge, então, a necessidade de iniciarmos nosso estudo a partir da nossa fonte primordial, a Sagrada Escritura, para aprofundarmos o nosso conhecimento nas bases fundantes da nossa Igreja e encontrarmos elementos históricos e de fé relevantes acerca da mulher.

Sabemos que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus. Ambos são chamados à vida e devem, com suas especificidades, formar um só corpo de maneira igualitária. A partir disso, apresentaremos neste capítulo como as mulheres foram vistas desde a antiguidade à luz do Antigo Testamento e, posteriormente, no período do Novo Testamento, tendo como foco sua atuação e importância.

Iniciaremos apresentando as mulheres no Antigo Testamento. Mesmo sendo um pequeno número de mulheres citadas, vemos que estas representam um grande grupo que vivia de maneira própria e que tiveram um papel fundamental para a história de Israel. Em seguida, veremos a importância da mulher no Novo Testamento, com destaque para a visão de Jesus, sua vida com elas e como foram adquirindo espaços dentro das comunidades primitivas, a começar pelas cartas de Paulo.

Portanto, veremos que a primeira imagem de mulheres apresentadas pela Bíblia é “a da responsabilidade, da vontade e da capacidade de agir: elas são as que decidem, que orientam e que geram a História”.¹ Tanto no Antigo Testamento, com Abraão e Sara, como no Novo Testamento, com Zacarias e Isabel, há o processo de vitória sobre a esterilidade como sinal claro do evento messiânico, em que garantem a perpetuação do povo de Deus que caminha rumo ao Pai.

1.1. A mulher no Antigo Testamento

Como descrito na história das origens da Bíblia, a mulher foi criada a partir do homem (Gn. 2,21s). Ela era osso de seus ossos e carne de sua carne, por isso foi chamada mulher, pois foi tirada do homem (Gn. 2, 23). Em contraposição com o antigo Oriente Médio e sua cultura

¹ EISENBERG, Josy. **A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico-sociológico**. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 39.

patriarcal em que a mulher era propriedade do homem e sempre inferior a ele, em Gênesis ela é apresentada como *imagem de Deus*² juntamente com o homem.³

Em contraposição ao Oriente Médio, a mulher será vista em Israel como uma benção para o homem, sendo que os que não têm mulher são desprovidos dessa benção, da vida, da alegria, da ajuda, da bondade, da paz. Isso por que Deus só abençoa o homem quando ele está unido à sua mulher (cf. Gn. 1,28). Por conseguinte, se o homem tem dignidade, ele receberá do Senhor uma mulher para amar e para lhe ajudar. Todavia se o homem for mau, o Senhor lhe dará uma mulher parecida com ele, fazendo com que juntos percam a alegria de viver.⁴ Sobre isso o livro de Eclesiastes afirma: “Eu acho mais amarga que a morte uma mulher que é uma armadilha, seu coração, uma rede, suas mãos, laços; quem agrada a Deus escapará dela, o pecador, porém, será sua presa” (7,26).

Conforme se narra no livro do Gênesis, a mulher tinha como tarefa ser a auxiliar e complemento adequado do homem (Gn. 2,18), principalmente no matrimônio indissolúvel (Gn. 2,24), pois a primeira mulher foi tirada do homem não só em razão de igualdade, mas também em razão da unidade dos dois sexos. Deste modo, a mulher foi chamada para ser coordenada ao homem e não subordinada a ele.

Ao se constituir o povo de Deus, a mulher passou a ter uma importância fundamental na organização das famílias. Ela era responsável a cuidar da casa e da família, utilizando suas capacidades femininas de manter a solidez e a centralidade dos costumes. De acordo com isso, Bauer afirma:

A maior felicidade da mulher israelita era ser mãe (Gn 24,60; 30,1; 1Sm 1,6s; Sl 113,9). A mãe constituía o centro da família e era tida em alta estima. Por seu amor maternal verdadeiro e heroico, muitas mulheres israelitas entraram na história, principalmente a mãe de Moisés (Ex 2,2-9), a mãe de Samuel (1Sm 22-27), Rispa, a concubina de Saul (2Sm 2,10ss), a mãe dos irmãos macabeus que num só dia viu morrer os sete filhos (2Mc 7,1-41) e principalmente Maria, a mãe do Messias.⁵

O amor materno tinha um significado tão grande em Israel, que o profeta Isaías o utiliza como símbolo do amor divino: “Acontecerá como a quem é confortado por sua mãe: sou eu que, assim, vos confortarei, sim, em Jerusalém, sereis confortados.” (Is 66,13)⁶. Como

² Imagem de Deus: As palavras hebraicas *'ish* e *'ishshâh*, provavelmente provêm da mesma raiz etimológica *'enash*. Elas exprimem a natureza das coisas e no texto citado de forma artística e nobre, exprime a total identidade de natureza e a diferença dos sexos. Pela consonância entre *'ish* e *'ishshâh*, o autor bíblico, seguindo a etimologia popular, viu nos dois termos a forma masculina e feminina do mesmo nome e aproveitou esse fato em sua narrativa.

³ FERGUSON, Sinclair B. WRIGHT, David F. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 1065.

⁴ LIFSCHITZ, Daniel. **Homem e mulher, imagem de Deus: o Sábado: a Hagadá sobre Gênesis 2**. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 69.

⁵ BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973. p. 734.

⁶ **A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 506.

mãe, a mulher israelita possui a mesma autoridade do pai: “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que teus dias se prolonguem sobre a terra que o Senhor, teu Deus, te dá.” (Ex 20,12; Dt 5,16)⁷. Em Lv 19,3 a mãe chega a ser nomeada antes do pai: “Cada um de vós deve ter temor à sua mãe e a seu pai, e observar os meus sábados”⁸.

Do ponto de vista jurídico a mulher israelita nem sempre era igual ao homem, contudo a posição feminina é muito mais favorável que na vida jurídica dos outros povos orientais. O *direito matrimonial* era regido pelo princípio do patriarcado. A mulher, pelo casamento, passava da autoridade do pai para a autoridade do marido (1Sm 18,17.19.27). Todavia, eram amplamente levados em consideração a vontade e gosto da moça (Gn 24; 39; 58), sendo um avanço a ser considerado. Por outro lado, tanto a mulher casada como a virgem prometida em casamento (noiva), estava obrigada a ser fiel ao marido ou ao noivo. O homem só era culpado de traição se invadisse um casamento alheio (Dt 22,22).

Com relação às filhas que eram vendidas à escravidão, havia tratamento diferenciado para ser libertadas, diferentemente dos escravos (Ex 21.7-11). Sobre as condições para o divórcio, apenas há menção ao homem que poderia se divorciar de sua esposa se encontrasse nela “algo que ele reprove” (Dt 24.1-4), porém “em lugar algum das Escrituras, há menção a uma mulher poder se divorciar do marido”⁹. No direito hereditário, a mulher perdia o direito preferencial para o primogênito. Somente quando faltam os filhos, as mulheres têm direito à herança, mas devem casar com homens que pertençam à mesma tribo para que se conserve a propriedade da família (Nm 27,1-11; 36,1-13).

Os aspectos da Lei que correspondia a ambos os sexos eram apenas alguns. De acordo com Lv 20,10 se fixa a pena de morte tanto para a adúltera como para o adúltero. Não há diferença na avaliação jurídica do castigo pela morte de um homem ou de uma mulher ocasionada por um animal doméstico; o dono do animal responde da mesma forma pelos dois (Ex 21,28).

Além disso, o código penal do A.T. também tinha uma sensibilidade aos perigos do abuso de poder nas questões em que se diz respeito à justiça em favor dos oprimidos. Porém isso demonstra que havia consciência de que a mulher era objeto de opressão masculina. A mulher vitimada pelo abandono de seu marido era protegida por uma carta de repúdio, cuja intenção era resguardar sua dignidade de qualquer abuso. Outros exemplos dessa

⁷ **A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 91 e 210.

⁸ *Ibidem*, p. 139.

⁹ FERGUSON, Sinclair B. WRIGHT, David F. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 1062.

sensibilidade eram as viúvas (Ex 22,22-24), as mulheres tornadas cativas na guerra (Dt 21,10-14) e as virgens seduzidas (Ex 22,16-17).

Com relação à tradição e aos costumes religiosos do povo, há distinções claras entre homens e mulheres. Enquanto o período de impureza da mãe ao dar a luz um filho era de sete dias, a uma filha era de quatorze (Lv 12.1-5). Há também elementos culturais estritamente ligados à Eva, que Lifschitz nos apresenta: cabe à mulher cobrir seus cabelos como manifestação de sua vergonha, pois foi Eva que introduziu o pecado no mundo; as mulheres vão à frente às procissões dos funerais, porque foi a mulher que introduziu a morte no mundo.¹⁰

As mulheres e moças em Israel, não eram apenas louvadas quando ativas no trabalho doméstico (Pr 31,10-31), porém na vida cotidiana gozavam de total liberdade para se locomoverem da casa dos pais (Gn 24,13ss; Ex 2,16...). Nas festas populares e religiosas, elas podiam aparecer em público sem restrições (Dt 12,12; Jz 21,21; 2Sm 6,12ss). Na *vida política*, algumas mulheres chegaram a ter influência notável como Miriam, a irmã de Moisés e Aarão, em que entoou um cântico triunfal sobre a derrota dos egípcios (Ex 15,21); Débora, que em meio a grande humilhação religiosa e nacional, exerce em Efraim o ofício de “juiz” e com suas palavras de animação, ajuda a vencer a difícil batalha contra Sisera (Jz 4-5); Hulda a quem o rei Josias vai pedir conselho, grande profetiza como os profetas da Antiga Aliança (2Rs 22-23); Judite que liberta do inimigo sua cidade natal e toda a Palestina (Jd 8,16); Ester que se pôs em perigo para interceder pelo seu povo, com as palavras: “Se devo morrer, morreréi” (Est 4,16).

No campo religioso a mulher perde para o homem, pois é excluída de todos os atos oficiais e públicos do culto. Contudo, da mesma forma que o homem, a mulher está em aliança com Deus (Dt 29,10); celebra com a família as grandes festas anuais, principalmente a páscoa (Ex 12,3) e participa das refeições relacionadas ao culto (1Sm 1,4s; Dt 12,12; 15, 20). As mulheres assistiam as leituras públicas do livro da Aliança para que aprendessem com exatidão a observá-lo (Dt 31,12; Js 8,35; Ne 8,2) e eram educadas desde crianças segundo a Lei de Moisés pelos pais piedosos (Dn 13,3).

Isto posto, se o homem é o *rei* da criação, a mulher que foi criada dele e depois dele, é *o verdadeiro coroamento da criação*.¹¹ Portanto, ela é aquela que traz o equilíbrio e a plenitude de que estava faltando. Assim, de modo geral, a mulher no Antigo Testamento “é

¹⁰ LIFSCHITZ, Daniel. **Homem e mulher, imagem de Deus: o Sábado: a Hagadá sobre Gênesis 2**. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 65.

¹¹ *Ibidem*, p. 67.

constituída de traços simpáticos. Esta imagem se obscurece um pouco no judaísmo pós-exílico¹², mas logo são dissipadas pela luz da salvação que fará aparecer homem e mulher com igual dignidade, como no dia da criação.

1.2. A mulher no Novo Testamento

1.2.1. Evangelhos

Os quatro evangelhos estão cheios de mulheres notáveis. É difícil encontrar outros textos antigos em que sejam citadas tantas figuras femininas fortes. Neles vemos que as mulheres estão sempre relacionadas com Jesus, especialmente no seu ministério, de modo que elas emolduraram sua vida. Elas estão presentes tanto na genealogia de Mateus como no Evangelho da infância de Lucas. Nos quatro evangelhos as mulheres estão presentes na hora da morte e ressurreição de Jesus.

Excepcionalmente no evangelho de Marcos, todas as mulheres (exceto Herodíades e sua filha), creram em Jesus. Elas se aproximavam tanto para servi-lo, como para ficarem curadas. Em 12,4ss são mostradas como modelo de piedade e em 14,66ss como aquelas que falam a verdade diante de um discípulo covarde. Ao contrário, no evangelho de Lucas as mulheres estão sempre subordinadas aos homens, com exceção do evangelho da infância.

Faz-se necessário levar em consideração que o evangelho de Marcos foi escrito por volta de 20 anos antes do evangelho de Lucas, sendo que o número de cristãos durante esse espaço de tempo cresceu consideravelmente. Como nas comunidades havia grande número de escravos e mulheres, as autoridades romanas começam a se preocupar, pois para elas a participação destes ameaçava o poder do imperador. Lucas é um dos autores do Novo Testamento que procura adequar o evangelho com os costumes romanos. “O testemunho das mulheres, porém, é a novidade indispensável para o anúncio do Evangelho nesse mundo dominador”¹³.

O que mais se destaca do evangelho de Mateus é que ele se inicia com um dado relevante com relação ao modo de como a comunidade possuía a consciência da importância da mulher na história de Israel. Em seu primeiro capítulo há a construção da genealogia de Jesus e nela citam-se quatro matriarcas: Tamar, Raab, Rute e a Betsabéia (mulher de Urias), concluindo com Maria, sua mãe. Com isso, vemos que para a comunidade de Mateus essas mulheres tornaram realidade a Aliança feita entre Deus e a humanidade.

¹² BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973. p. 736.

¹³ ARNS, Paulo Evaristo. GORGULHO, Gilberto. ANDERSON, Ana Flora. **Mulheres na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 120.

A comunidade de Mateus sempre faz questão de mostrar que havia mulheres que tinham fé em Jesus e que elas foram capazes de segui-lo até o fim. Um exemplo pode se encontrar no episódio da multiplicação dos pães em que ele é o único evangelista a destacar que entre os homens havia muitas mulheres e crianças (Mt 14,21).

Em Mateus, pode-se inferir que Jesus fica impressionado com a fé da mulher cananea a ponto de repensar sua missão e conceder a ela a cura de sua filha (Mt 15,21-28). Ele também eleva a atitude da mulher que lava seus pés a ponto de dizer: “onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho, no mundo inteiro, contar-se-á também, em sua memória, o que ela fez” (Mt 26,13)¹⁴.

No Quarto Evangelho vê-se que o discipulado e a liderança da comunidade joanina incluem homens e mulheres. Ele descreve as mulheres como aquelas que são exemplo de discipulado e as coloca em lugares muito significativos da narrativa. O ministério de Jesus se inicia com a narração sobre Maria, sua Mãe, e conclui com a de Maria de Betânia. “Ao lado do fariseu Nicodemos, coloca a mulher samaritana; ao lado da confissão cristológica de Pedro, coloca a de Marta”¹⁵. Assim como nos Sinóticos, as mulheres estão aos pés da Cruz e são testemunhas da Ressurreição de Jesus.

À vista disso, pode-se afirmar que as mulheres são parte fundamental na vida das comunidades pelas quais foram formados os Evangelhos. Elas encontraram a forma de participar de maneira ativa e significativa, de modo que abriram caminhos para outras que ao longo da história foram aderindo a fé em Cristo e mudando completamente tudo o que havia a sua volta assim como Maria a Mãe de Jesus, Maria de Mágdala, Maria e Marta de Betânia, Salomé, Joana, Maria mãe de Tiago e João e tantas outras.

1.2.2. Jesus e as mulheres

Jesus chocava as sensibilidades das autoridades de seu tempo e até mesmo de seus seguidores como vemos na história da Samaritana. Segundo Aquilina e Bailey, o que mais chocava a todos era o jeito como ele tratava as mulheres.¹⁶ Observando a prática e o discurso de Jesus, vemos que tanto a mulher como o homem possuem dignidade diante de Deus e merecem respeito. Assim, Jesus incluiu a mulher dentro de sua atividade salvífica. Ele demonstrava sua misericórdia tanto com as mulheres israelitas como com as pagãs.

¹⁴ **A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 1227.

¹⁵ FIORENZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p.373.

¹⁶ AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 25.

Mesmo sendo ele enviado para as ovelhas perdidas de Israel, encontra-se uma série de relatos que envolvem sua atenção peculiar às mulheres. Por exemplo, atende ao pedido de uma mãe pagã e, por causa da grandeza de sua fé, cura sua filha com as palavras: “Faça-se como tu queres” (Mt 15,21-28; Mc 7,24-30). Além disso, não recusa ser tocado por uma mulher impura por causa do fluxo de sangue, mas a chama amorosamente de “filha” (Mt 9,20-22; Mc 5,25-34; Lc 8, 43-48). Cura a sogra de Pedro (Mt 8,14s; Mc 1,29-31; Lc 4,38s) e a filha de Jairo, chefe da sinagoga (Mc 5,21-23 e 35-43). Luta por conquistar a samaritana no poço de Jacó, transformando-a em fiel anunciadora de seu nome (Jo 4,1-42). Tem uma palavra de perdão para a mulher adúltera que, compadecendo-se dela, se inclina e lhe perdoa toda a culpa (Jo 8,1-11). E muitos outros exemplos mais emblemáticos que serão tratados neste estudo mais adiante.

Na Galileia, Jesus permite que seus pés sejam ungidos por uma pecadora, na casa de um fariseu, e anuncia o julgamento da misericórdia divina: “Tua fé te salvou; vai em paz” (Lc 7,36-50). Ele entra na casa das irmãs de Lázaro e lhes prega a palavra de Deus (Lc 10,38-42). O mistério da salvação ele o revela a Marta (Jo 11,1-44). Reconhece a atitude de amor de Maria de Betânia ao ungi-lo: “Em toda parte onde for pregado este Evangelho pelo mundo inteiro, será contado em sua memória o que ela fez” (Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,1-8). Depois de ressuscitar, aparece a Maria Madalena, antes mesmo dos Apóstolos, e lhe dá a incumbência de anunciar aos seus discípulos que Ele estava vivo (Mc 16,9-11; Jo 20,1-18).

Da mesma forma, Jesus exerceu sua vocação de salvador com respeito a muitas mulheres. Como podemos ver, ao lado de uma perícópe tradicional que trata de um homem, com frequência se transmite outra correspondente para as mulheres: a ovelha perdida – a moeda perdida; a parábola do grão de mostarda no campo – a parábola do fermento na massa.

No acampamento de Jesus, havia muitas mulheres além de sua mãe Maria, “entre elas Maria de Mágdala, Maria mãe de Tiago, o Menor e de José, e Salomé, que o seguiam e serviam quando Ele estava na Galileia” (Mc 15,40ss). Estas o seguiram até a sua morte (Mt 27,55s; Mc 15,40s; Lc 23,49); bem como ao seu sepulcro e sepultamento.

Em sua Carta Apostólica denominada *Mulieris Dignitatem*, o então Papa João Paulo II afirma que “desde o início da missão de Cristo, a mulher demonstra para com ele e seu ministério uma sensibilidade especial que corresponde a uma característica da sua feminilidade”¹⁷. Isto nos mostra o quanto as mulheres devem continuar seu caminho de

¹⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica “Mulieris Dignitatem”*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988. n. 16.

seguimento de Cristo hoje, pois elas foram as primeiras testemunhas e anunciadoras do Ressuscitado. Destarte, cabe a nós mulheres perpetuarmos esta honra.

1.2.3. Maria, a Mãe de Jesus.

Lucas inicia seu Evangelho, destacando a pessoa de Maria, que segundo a tradição, ela mesma teria narrado a ele fatos de sua vida com seu Filho Jesus. De fato, o Evangelho do nascimento e da infância de Jesus é visto a partir da perspectiva de Maria que “retinha todos esses acontecimentos procurando-lhes o sentido” (Lc 2,19)¹⁸ e “guardava todos [...] em seu coração” (Lc 2,51)¹⁹. Maria não era ninguém importante do ponto de vista do mundo. Ela era uma jovem pobre que morava em Nazaré, cidade atrasada da Galileia. “De Nazaré será que pode sair alguma coisa boa?” (Jo 1,46)²⁰, afirma Natanael após Filipe falar que Jesus era o Messias.

Mesmo nestas condições, ela foi escolhida por Deus entre todas as mulheres da terra para ser a Mãe de seu Filho. Conforme Aquilina e Bailey,

[...] Deus escolheu *esta* mulher: não uma dama refinada de uma casa real de Jerusalém, mas uma jovem pobre de uma cidade dos confins do país. Era um escândalo para os filósofos pagãos. Havia graus naturais de perfeição nas pessoas, esses filósofos acreditavam, e em geral quem vinha de boa família e tinha posição elevada na vida era obviamente mais perfeito que quem vinha de uma cidade da Galileia.²¹

Maria foi vista por Deus pela beleza de sua alma, como nos diz o anjo Gabriel em sua saudação: “Alegra-te, *ó cheia de graça*, o Senhor está contigo” (Lc 1,28) e não por aspectos, digamos, mundanos da época. Ela mesma se assusta com essas palavras do anjo e começa a pensar no significado desta saudação. Vendo isto, o anjo Gabriel a acalma e conta-lhe tudo o que acontecerá. Maria também faz perguntas, mas ao ouvir a explicação, ela tem fé para acreditar que para Deus nada é impossível (Lc 1,37) e exclama decididamente o seu *fiat*: “Eu sou a serva do Senhor. Aconteça-me segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Diante disso, podemos perceber a força interior e a coragem dessa mulher que, humildemente, soube acolher a vontade de Deus de maneira ativa e decidida, entregando-lhe todo o seu futuro nas mãos d’Aquele que a tinha formado. E dessa maneira, ela não será apenas a Mãe de Jesus, mas terá uma presença importante e fundamental na vida de seu Filho e da Igreja ao longo de sua vida e até os dias de hoje.

¹⁸ **A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 1265.

¹⁹ *Ibidem*, 1266.

²⁰ *Ibidem*, 1307.

²¹ AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 27.

Jesus realizará seu primeiro milagre por meio do pedido de sua Mãe nas bodas de Caná transformando a água em vinho (Jo 2,1-11). “Fazei tudo o que ele vos mandar” é o resumo da mensagem de Maria para nós. Ela vê o problema e acredita que Jesus pode solucioná-lo, então reúne os que serviam e providencia para que eles desempenhem suas funções conforme o pedido de Jesus. Por meio desta passagem joanina, podemos deduzir que é Cristo quem realiza o milagre, mas é Maria quem organiza a situação e convence a todos que o milagre pode ser realizado.

Aquilina e Bailey afirmam que Maria “é o protótipo de todas as mulheres cristãs fortes que fizeram a Igreja funcionar pelos séculos – constantemente conseguindo que as coisas se realizassem, colocando as coisas no lugar e lembrando a todos ao redor delas: ‘Fazei tudo que ele vos mandar’”.²²

Maria estava presente na morte de seu único Filho e permaneceu de pé junto à cruz. Mulher forte que mesmo sentindo a dor maior que uma mãe pode sentir, não se deixa vencer e aí é elevada, tornando-se mãe de todos nós. Na cruz, Jesus a colocou aos cuidados de João e João aos seus cuidados (Jo 19,25-27).

A última vez em que seu nome é mencionado na Bíblia está nos Atos dos Apóstolos, momento anterior a Pentecostes: “Todos, unânimes, eram assíduos à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus” (1,14).

1.2.4. Maria Madalena

Jesus escolheu doze homens para serem seus Apóstolos, enviando-lhes em missão. Paulo, escolhido especialmente por Ele no caminho de Damasco, também recebeu o título raro de “Apóstolo”. Porém, Maria Madalena, apenas ela, recebeu o título de “Apóstola dos Apóstolos”. Este título foi reservado a ela por Tomás de Aquino ao reconhecer a importância da incumbência de anunciar a ressurreição de Jesus aos Apóstolos e completa: “Como uma mulher tinha anunciado ao primeiro homem palavras de morte, assim uma mulher foi a primeira a anunciar aos apóstolos palavras de vida”²³.

João Paulo II ao se referir a Maria Madalena, também cita este seu privilégio e destaca que esta atitude de Cristo de incumbir a uma mulher a missão de anunciar aos demais sua

²² AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 30.

²³ Super Ioannem, ed. Cai 2519 apud BENTO XVI. **Audiência Geral de 14/02/2007**. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070214.html>. Acesso em 03 de jun. de 2019.

ressurreição, “coroa tudo o que foi dito em precedência sobre o ato de Cristo de confiar as verdades divinas às mulheres, de igual maneira que aos homens”²⁴.

Assim como seu predecessor, Bento XVI em uma de suas audiências em que se referia à mulher e seu serviço ao Evangelho confirma a importância da mulher para a Igreja e seu papel primordial, sublinhando a figura de Maria Madalena.²⁵

Por fim, Papa Francisco além de retomar este título de Madalena, eleva sua memória obrigatória à categoria de festa no Calendário romano geral. Esta decisão foi tomada no contexto do Jubileu da Misericórdia “para significar a relevância desta mulher que demonstrou um grande amor a Cristo e por ele foi muito amada”.²⁶ Com isso, vimos que tudo mudou na vida desta mulher depois que Cristo apareceu primeiramente a ela após sua ressurreição e lhe deu a incumbência de levar a notícia aos onze Apóstolos. Mas quem é Maria Madalena?

A partir dos escritos canônicos sobre a mulher de Mádala, sabemos apenas seu nome e sua cidade de origem, nada mais. Mádala era um povoado localizado à beira do Lago de Tiberíades, na região da Galileia. Não se pode afirmar ainda se o seu nome realmente é este, pois quase todas as personagens femininas nos Evangelhos se chamam “Maria”. No entanto, este nome e sobrenome ή Μαγδαληνή²⁷ são citados de maneira exclusiva nos quatro Evangelhos para se referir à discípula da Galileia.

De acordo com Perroni (2017), Maria Madalena é mencionada doze vezes nos Evangelhos canônicos (Mt 27,56.61; 28,1; Mc 15,40.47; 16,1.9; Lc 8,2; 24,10; Jo 19,25; 20,1.18) e sempre na mesma forma gramatical, isto é, nome acompanhado com o artigo definido: “a Madalena”. Apenas uma vez Lucas explicita que se trata de um sobrenome: ή καλουμένη Μαγδαληνή²⁸ (Lc 8,2). Maria é uma das personagens mais citadas, sendo que entre as mulheres está abaixo apenas de Maria, a Mãe de Jesus (18 vezes).²⁹ Outro aspecto relevante é que o nome de Maria é o único citado de maneira estável entre as mulheres, o que demonstra que ela tinha grande influência na comunidade: sem ela não se pode falar de crucificação e ressurreição.

²⁴ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica “Mulieris Dignitatem”*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988. n. 16.

²⁵ BENTO XVI. *Audiência Geral de 14/02/2007*. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070214.html>. Acesso em 03 de jun. de 2019.

²⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Apostolorum Apostola*. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20160610_articolo-roche-maddalena_po.html>. Acesso em 03 de jun. de 2019.

²⁷ Isto é: a Madalena, a (mulher) de Mádala.

²⁸ “A chamada Madalena”.

²⁹ PERRONI, Marinella. *Uma Apóstola sem história: a tradição canônica*. In PERRONI, Marinella. SIMONELLI, Cristina. *Maria de Mádala: uma genealogia apostólica*. Prior Velho: Paulinas, 2017. p.40.

Mesmo com todas essas citações de Maria de Mágdala nos Evangelhos, não se sabe ao certo quem foi essa mulher que se tornou tão importante para a comunidade primitiva e que ao longo do tempo tornou-se cada vez mais eternizada pelas várias gerações e povos. Por não ter dados concretos sobre sua verdadeira identidade, ao longo dos séculos foram se consolidando várias atribuições a ela como nos mostra Giannarelli:

discípula de Jesus, apóstola dos Apóstolos, enviada pelo próprio Cristo a anunciar aos outros a ressurreição, uma prostituta redimida, confundida com a irmã de Marta e de Lázaro, autora do Quarto Evangelho, esposa e companheira do Senhor, mãe de seus filhos e na origem da dinastia dos Merovíngios, evangelizadora de Marselha; esposa de Paulo, adúltera salva da lapidação, personagem de proa da Igreja nascente em oposição a Pedro, até mesmo símbolo da Sabedoria...³⁰

Estas são apenas algumas das atribuições dadas a Maria Madalena no decorrer dos séculos, citadas nas várias fontes como: o Novo Testamento, os apócrifos, os escritores eclesiásticos, os escritos dos Padres da Igreja, os exegetas antigos, os místicos medievais, as lendas populares, romances, entre outros.

Entre essas várias identidades, há também uma tradição popular que foi se difundindo em algumas zonas entre a Alemanha, a Áustria e o Norte da Itália. Nesta acredita-se que Maria Madalena é a esposa de João Evangelista que foi abandonada no dia das núpcias pelo marido, pois ele teria se tornado discípulo de Jesus após o milagre da transformação da água em vinho. A partir disso ela se tornou a padroeira dos viticultores.

Outra tradição popular muito significativa está vinculada a uma gruta localizada no coração do Templo-Floresta de Sainte-Baume³¹. Acredita-se que Maria Madalena chegou à Gália³² depois de ter fugido da Palestina com seus irmãos Lázaro e Marta. As histórias provençais dizem que a apóstola, depois de pregar ao lado de seus irmãos em várias cidades da Gália, se recolheu numa gruta nos últimos 30 anos de sua vida, sendo alimentada por anjos e tendo como vestimenta os seus longos cabelos.

Jean-Yves Leloup, um dos estudiosos sobre Maria Madalena em Saint-Baume, em um de seus livros mostra como que essa grande mulher pôde sobreviver aos perigos da floresta, ao frio rigoroso e à solidão suprema. Segundo ele, apenas um grande amor poderia tornar possível tal feito. Longe de tudo e de todos, a presença do verdadeiro Deus e do verdadeiro

³⁰ Giannarelli, (2009) apud Perroni, 2017, p. 23.

³¹ Saint Maximin e Saint-Baume: a cidade de Saint Maximin fica a 40km da cidade de Aix-em-Provence, no sul da França, no Departamento do Var, situada aos pés da Montanha de Saint-Baume. Na Basílica da cidade, dedicada a Maria Madalena, são guardadas relíquias da mesma: seu crânio e, segundo a lenda, um pedaço de sua pele que teria sido tocado por Jesus após a Ressurreição, fazendo com que a pele fosse milagrosamente conservada até hoje.

³² O termo “Gália” refere-se ao moderno território francês. Na época em que Maria Madalena teria supostamente desembarcado, essa região era povoada pelos gauleses e constituía uma província do Império Romano.

homem pode se revelar à ela. O Bem Amado, a conduziu ao deserto para a esvaziar de tudo aquilo que ele não é, para se revelar verdadeiramente.³³

Além das várias tradições populares, temos também alguns livros apócrifos que falam sobre Madalena. Entre eles o que mais se destaca é o “Evangelho de Maria”, um texto gnóstico, escrito originariamente em grego, que chegou até nós por meio de dois fragmentos em papiro do século III, encontrados em Oxirrinco (Egito) (P. Ryl. III 463 e P. Oxy. L 3525), e uma tradução à língua copta do século V (P. Berol. 8502). Todos esses textos foram publicados entre os anos de 1938 e 1983. É possível que a obra tenha sido composta no século II. Nela Maria Madalena é tida como protagonista, fonte de uma revelação secreta por estar em estreita relação com o Salvador³⁴.

Nesses pequenos fragmentos vemos que depois de ter ressuscitado, Jesus aparece aos seus discípulos e discípulas e tira-lhes algumas dúvidas. Logo depois, ele vai embora e os discípulos ficam desolados, pois se sentem incapazes de cumprir a missão que eles têm de pregar o evangelho aos gentios. Maria então os encoraja dizendo: “Não vos lamenteis nem sofraís, nem hesiteis, pois sua graça estará inteiramente convosco e vos protegerá. Antes, louvemos sua grandeza, pois Ele nos preparou e nos fez homens”.

1.2.5. As mulheres nas comunidades primitivas a partir das Cartas Paulinas

Paulo nas suas cartas mostra como a comunidade primitiva encarava a posição de Jesus com relação às mulheres. Segundo ele “não há mais nem judeu nem grego; já não há nem escravo nem livre, já não há mais o homem e a mulher; pois todos vós sois um só em Jesus Cristo” (Gl 3,28). Assim Paulo evidencia que na filiação divina não há distinção entre homem e mulher, fazendo uma dura crítica contra a ordem estabelecida da mentalidade romana da época.

Dentro do Império Romano, era aceitável ter os judeus como seres humanos entre os gregos, pois embora diferentes, os judeus tinham intelectuais entre eles e uma longa tradição, sendo que muitos se adaptaram aos costumes da cultura helenística. No que concerne aos escravos, talvez houvesse entre eles príncipes de outros povos capturados em combates, sendo que nessas situações só o acaso os separava da sua dignidade. No entanto, equiparar a mulher ao homem, constituía algo impensável. A desigualdade entre homem e mulher era tida como uma determinação proveniente da natureza.

³³ LELOUP, Jean-Yves. **Maria Madalena na Montanha de Sainte-Baume: a vida de uma mulher eremita, selvagem e angelical**. Tradução de Karin Andrea de Guise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.17.

³⁴ CHAPA, Juan. **O que diz o “Evangelho de Maria [Madalena]”?** Disponível em <<https://opusdei.org/pt-br/article/o-que-diz-o-evangelho-de-maria-madalena/>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

Sendo assim, torna-se evidente a novidade das primeiras comunidades cristãs que, desde os primórdios, as mulheres pertenciam à Igreja como membros de pleno direito, estando juntamente com os Apóstolos mesmo depois da Ascensão do Senhor (Cf. At 1,14). As listas de saudações das cartas paulinas, nas quais mulheres são designadas como cooperadoras e irmãs oferecem fundamentos sólidos a essa noção (Cf. Rm 16,1. 3; 1Cor 9,5...).

Assim como no Antigo Testamento, vale a ordem de subordinação da mulher ao homem no matrimônio (Cf. 1Cor 11,3), porém aqui não se trata de um rebaixamento, da mesma forma que Cristo não é rebaixado diante de Deus por ser submisso a Ele. Para isso, “Paulo mostra como a lei fundamental da dependência atravessa toda a ordem estabelecida por Deus, e não é, portanto, uma coisa que a mulher deva sentir como um peso especialmente a ela reservado”³⁵.

Com relação à participação das mulheres nas reuniões da comunidade, havia algumas exigências, dentre as quais o uso do véu (Cf. 1Cor 11,5ss). Segundo os costumes daquela época, o véu era um símbolo exterior da subordinação da mulher ao homem conforme a natureza das coisas³⁶.

As cartas paulinas mostram harmoniosamente a posição da mulher dentro da comunidade cristã e da ordem do culto divino, sendo que seus direitos estão claramente delimitados em relação aos direitos dos homens. No tocante à pregação da palavra de Deus, durante a leitura dos textos sagrados, observa-se a seguinte recomendação: “a mulher deve guardar silêncio, com toda submissão. Não é permitido à mulher que ensine nem que domine o homem” (1Tm 2,12). À mulher convém “adornar-se de boas obras” (1Tm 2,10) para demonstrar o seu temor de Deus.

As viúvas que desejassem permanecer neste estado poderiam exercer certas funções caritativas dentro da Igreja. Para isto seria necessária a inscrição em um rol especial e deveria cumprir três exigências, sendo elas: ter mais de sessenta anos, ter se casado apenas uma vez e levar uma vida verdadeiramente cristã demonstrada em obras de amor ao próximo que consiste na educação dos filhos, hospitalidade, serviço desprendido e humilde, assistência aos necessitados e em toda obra boa (Cf. 1Tm 5,9s). As viúvas jovens, porém, deveriam se casar de novo, para que não caíssem em tentação, quebrando, deste modo, o compromisso com Cristo e com a Igreja ao entrarem no serviço à comunidade (Cf. 1Tm 5,11-14).

³⁵ BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973. p. 738.

³⁶ Idem, p. 738.

1.2.6. O Diaconato feminino

Devido a fatores como poucos recursos historiográficos e documentais, pouco se sabe a respeito do papel exercido pelas mulheres nos primeiros séculos do cristianismo. Em sua carta aos Romanos (16,1), Febe é citada por Paulo como diaconisa da igreja de Cencréia, porém não há informações exatas da função que ela exercia e se seu diaconato seria um ministério em sentido próprio.

A *Didascália dos Apóstolos* XVI, iii, 12 (primeira metade do século III), descreve os deveres das diaconisas: “evangelização doméstica das mulheres; assistência ao batismo das mulheres com a função de ungir com óleo às que descem à água e de acolhê-las quando saem dela e de ensinar-lhes como conservar intacto o sigilo³⁷ do batismo; visita e assistência às mulheres doentes”³⁸. Mesmo as mulheres não tendo o acesso ao ensino e à administração do batismo, vê-se na *Didascália* um conceito muito elevado de mulher a ponto de apresentá-la como tipo (*typos*) do Espírito Santo.

Depois dos dois primeiros séculos do cristianismo, o diaconato feminino começa a assumir consistência. A partir do século IV, há numerosos testemunhos de diaconisas, porém elas não eram consideradas como parte do clero, mesmo se ordenadas pela imposição das mãos (*χειροτονία*)³⁹. O requisito indispensável para essas mulheres era ser virgem ou viúva de um só marido. Esta forma de diaconato feminino permanece como exclusividade do Oriente, sendo que não se conseguiu introduzir no Ocidente.

As diaconisas não eram confundidas com as viúvas, pois o diaconato expressa uma função e a viuvez um estado de vida elevado à forma de ascese. Como vimos anteriormente, o termo “viúva” indicava uma categoria determinada, tendo sua posição e função próprias na comunidade (Cf. ITm 5, 6-16).

1.2.7. Lídia e as auxiliares de Paulo

Paulo falava diretamente às mulheres, mesmo que sua cultura não permitisse. Uma dessas mulheres era Lídia, apresentada pelos Atos dos Apóstolos. Ela foi a primeira mulher convertida por Paulo em sua pregação em Filipos⁴⁰. Lídia ficou tão impressionada que o convidou para ficar em sua casa com seu grupo (cf. At 16,11-15).

³⁷ A melhor tradução seria “selo”.

³⁸ BERARDINO, Angelo D. (Org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 401.

³⁹ *Ibidem*, p. 401.

⁴⁰ Maior cidade da antiga Macedônia, hoje suas ruínas estão localizadas no nordeste da Grécia.

Lídia era vendedora de púrpura, o que fazia dela membro rico da sociedade dos comerciantes. Púrpura era um corante muito caro na época, sendo que só quem usava roupas que continham essa cor, eram os das classes mais altas. Mulheres como ela formavam uma parte considerável da Igreja primitiva.

Nas cartas de Paulo há muitas saudações a mulheres que o ajudaram ao longo de sua trajetória pelas comunidades. Uma delas é Febe que foi citada na carta aos Romanos (16,1s). Aparentemente ela era alguém que estava a serviço da Igreja de Cencrécia. Priscila, esposa de Áquila, também teve muita influência na comunidade de Roma. Lóide e sua filha Eunice, avó e mãe de Timóteo são mencionadas na sua Segunda Carta a Timóteo como aquelas que primeiro transmitiram a fé a ele (1,5).

A Igreja tornou-se o único lugar em que as mulheres tinham autoridade e podiam agir de maneira igualitária. Elas eram pessoas, eram importantes, eram valorizadas, por isso é provável que tornaram a maioria dos convertidos cristãos. Segundo Aquilina e Bailey,

o crescimento do cristianismo é um fenômeno sociológico interessante: mostra-nos o que acontece a uma cultura que trata um dos sexos com desprezo desleixado ou até com hostilidade. As famílias pagãs com frequência se livravam das filhas meninas; as famílias cristãs davam grande valor a filhas meninas e não raro adotavam meninas abandonadas. E as mulheres se convertiam ao cristianismo a uma velocidade maior que os homens.⁴¹

Isso também explica a estranha anomalia da Igreja perseguida em que quanto mais desprezada, ilegal e perseguida, mais ela crescia. Mais tarde em tempos sombrios de martírio, as mulheres também impressionaram o mundo com sua convicção e coragem.

Por fim, concluímos que em toda Bíblia há menções importantes de mulheres que souberam dar a vida em favor de seu povo, de sua família, de sua comunidade. Elas foram capazes de deixar sua marca na história da humanidade, de modo que agiram com audácia e coragem diante de uma sociedade que as consideravam muitas vezes como meras espectadoras das atividades dos homens e responsáveis apenas de cuidar de suas casas.

Com isso, abriremos o caminho para o próximo capítulo em que trataremos sobre as mártires dos três primeiros séculos do cristianismo. Veremos que essas mulheres souberam dar continuidade à herança que receberam, ultrapassando os limites de suas forças físicas para assumirem suas convicções e não abandonarem a fé pela qual professaram.

⁴¹ AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 36.

CAPÍTULO 2. AS MÁRTIRES NOS TRÊS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO.

Neste capítulo apresentaremos exemplos de mulheres fortes que se eternizaram por sua bravura e entrega total a Cristo, por meio de seus ideais de amor e de fé. Veremos que elas foram capazes de transmitir a fé e contagiar muitos à sua volta por demonstrarem o quanto é possível uma mulher ser responsável de si e ir além das expectativas de sua época.

No dia 26 de dezembro de 2007, dia em que se celebra a festa de Santo Estevão, primeiro mártir da Igreja, o Papa Bento XVI no *Angelus*, declarou que “o mesmo Amor que levou o Filho de Deus a despojar-se a si mesmo e a fazer-se obediente até à morte de cruz (cf. Fl 2, 6-8), estimulou depois os Apóstolos e os mártires a dar a vida pelo Evangelho”⁴². Portanto, o martírio é a entrega total de uma pessoa como consequência de seu amor herdado por Cristo e não um suicídio ou uma *veneração pelo sofrimento*.

Visto que o sacrifício dos mártires estava intimamente ligado ao sacrifício do Senhor, representado e celebrado na Eucaristia⁴³, a igreja primitiva conservava com amor as relíquias destes homens e mulheres, para colocá-las debaixo do altar, onde celebravam a Eucaristia. Isto é expressamente apresentado por Inácio de Antioquia em sua Carta aos Romanos em que afirma: “Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo”⁴⁴.

Destarte, a partir dos exemplos que serão apresentados, constataremos que essas mulheres reconheceram a importância de se entregar aos sofrimentos, tornando-se heroínas e modelo de santidade para muitos até os nossos dias.

2.1. Testemunhos de mulheres mártires.

Antes de tudo, é necessário destacar alguns pontos relevantes que permeavam o mundo em que essas mulheres viveram e como elas eram vistas pela sociedade da época. De acordo com Veyne, na Grécia, o número de meninas enjeitadas após o nascimento era muito

⁴² Bento XVI. *Angelus – Festa Litúrgica de Santo Estevão Protomártir* - Quarta-feira, 26 de Dezembro de 2007. Disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20071226_st-stephen.html. Acesso 15 de março de 2019.

⁴³ *ATTI E PASSIONI DEI MARTIRI*, Bastianensen, A. A. R. (Ed.). Texto critico e commento a cura di A. A. R. Bastianensen, A. Hilhorst, G.A. A. Kortekaas, A. P. Orbán, M. M. van Assendelft. Traduzioni di G. Chiarini, G. A. A. Kortekaas, G. Lanata, S. Ronchey. Milano: A. Mondadori, 1987. p. 20.

⁴⁴ INACIO DE ANTIOQUIA. *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 65.

maior que de meninos. Registrou-se no ano 1 a.C. o que escreveu um heleno à esposa: “Se (bato na madeira!) tiveres um filho, deixa-o viver; se tiveres uma filha, enjeita-a”⁴⁵.

Para os romanos, “a mulher é uma criança grande da qual se deve cuidar por causa do dote e do nobre pai”⁴⁶. Segundo o direito romano, a liberdade da autoridade do pai diante de sua filha era apenas após a sua morte. No caso de famílias aristocráticas, “a jovem nobre herda o orgulho do pai, que de certo modo a emprestou ao marido. Ao orgulho aristocrático acrescentava-se o da fortuna; ela geralmente possui riquezas que não passam ao marido”⁴⁷.

Com isso, torna-se compreensível alguns dos desafios que as mulheres mártires tiveram que enfrentar diante da sociedade e da família, bem como as consequências de seus atos após assumirem uma posição religiosa que dava à mulher a capacidade de se tornar autônoma diante de seus atos.

2.1.1. Santa Tecla

É possível conhecer a história de Santa Tecla hoje por meio de um escrito talvez do séc. I intitulado: *Atos de Paulo e Tecla*. Acredita-se que pode ter sido escrito originalmente em grego, mas há traduções em copta, etíope e siríaco. Nele concentra-se mais a história da própria Tecla do que a de Paulo. Embora esse livro não fosse completamente fidedigno, considerado posteriormente como apócrifo, entre os cristãos primitivos havia a certeza de que a história de Tecla era essencialmente verdadeira.

O aspecto mais relevante deste livro, é que a história de Tecla nos faz compreender a ideia que os cristãos primitivos tinham das mulheres. Tecla foi vista por eles como modelo de mulher para as cristãs em todo o Império Romano. Ela desafiou os valores da família romana, inspirando gerações de jovens a pensar por si mesmas. Com relação à veracidade de sua existência, Aquilina e Bailey afirmam: “a tradição da Igreja é unânime, e igrejas têm sido dedicadas a ela desde tempos muito primitivos”⁴⁸.

Tecla vivia na cidade de Icônio. Conta-se que ela ficou encantada com os ensinamentos de Paulo, a ponto de abandonar tudo e todos para seguir a fé em Cristo radicalmente. Seguiu a Paulo e o visitou na prisão, após ele ser acusado de persuadir as virgens a não se casarem. Sua visita causou o açoite a Paulo e a sua expulsão da cidade, sendo que ela foi condenada à morte.

⁴⁵ VEYNE, P. O império romano. In: VEYNE, P. (Org.). **História da vida privada 1: do império romano ao ano mil**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 23.

⁴⁶ Ibidem, p. 50

⁴⁷ Ibidem, p. 83

⁴⁸ AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 43.

O governador de Icônio a condenou às chamas. Levaram-na ao teatro e grande multidão foi ver o espetáculo de sua execução, porém o fim não foi o que esperavam. Tecla pediu a Deus sua intercessão e milagrosamente as chamas não a tocaram, depois houve uma chuva abundante que fez com que a fogueira fosse apagada.

Depois disso, Tecla foi ao encontro de Paulo em Antioquia e pediu para ser batizada. Paulo por sua vez, pediu para que ela esperasse o momento certo. Um nobre sírio, de nome Alexandre, se apaixonou por ela e queria tê-la como esposa, porém ela demonstra novamente a sua fé em recusá-lo imediatamente. Alexandre ficou furioso ao ser humilhado em público por Tecla e pede às autoridades de Antioquia que a condenem à morte.

Novamente Tecla foi livrada por Deus de leões, feras, touros e focas que a podiam devorar. Ao ser questionada pelo governador sobre quem era ela disse:

Sou serva do Deus vivo. Quanto ao que há em mim, creio no Filho de Deus, em quem ele encontra toda a satisfação. Por essa razão, nenhuma das feras me tocou. Somente ele é o fim da salvação e a base da vida mortal. Ele é o refúgio dos atormentados, consolo dos aflitos, abrigo dos desesperados. De uma vez por todas, quem não acredita nele não viverá para sempre.⁴⁹

Depois de suas palavras, o governador a liberou de sua condenação e as mulheres começaram a louvar e a testemunhar as maravilhas que Deus havia feito à Tecla e a exclamar em alta voz: *Há um só Deus, o Deus de Tecla!* Assim fica evidente o quão importante tornou o testemunho dessa jovem virgem que encontrou através do discurso de Paulo, o Deus Verdadeiro que lhe deu a coragem de professar sua fé sem reservas.

Tecla, mulher de força e coragem, desafiou os pais, seu noivo Tamires e as autoridades da época, para responder ao chamado de Cristo. Apesar de tudo, viveu até uma idade avançada, sendo fiel ao seu primeiro chamado. Determinada, seguiu seu próprio caminho de fé a ponto de vestir-se como homem e a cortar seu cabelo para poder ir à procura de Paulo.

Com o passar dos anos, Santa Tecla será vista como inspiração para muitas mulheres que, assim como ela, abandonaram tudo e seguiram seus próprios caminhos de fé, mesmo sem a aprovação expressa pelo clero. De acordo com Brown (1990), essas mulheres “cobriam imensas distâncias pelas estradas que levavam aos santuários de peregrinação do oriente cristão”.⁵⁰

⁴⁹ Ibidem, p. 53.

⁵⁰ BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. J. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990. p. 227.

2.1.2. Santa Blandina

Segundo Daniel-Rops, para os cristãos da França, os episódios de perseguição foram de particular importância, pois trouxeram à luz os princípios do Evangelho em seu país⁵¹. Eusébio de Cesaréia narra sobre os mártires da Gália, dentre os quais Blandina, uma jovem escrava presa ao lado de sua senhora, se destacou ao assumir sua fé de maneira surpreendente. Por meio dela, Cristo demonstrou que o que entre os homens parece indigno e desprezível, por parte de Deus é digno de glória, devido ao amor a Ele demonstrado na força e que não se vangloria da aparência:

Efetivamente, enquanto todos nós estávamos temerosos e sua própria senhora segundo a carne – também ela uma de nossos mártires combatentes – temíamos que por fraqueza de seu corpo não tivesse forças para proclamar livremente sua confissão, Blandina viu-se cheia de uma força tão grande que extenuava e esgotava aqueles que, em turnos e de todas as maneiras, torturavam-na desde o amanhecer até o ocaso; eles mesmos confessavam que estavam vencidos, sem nada poder fazer com ela, e se admiravam de como podia manter-se com alento estando todo seu corpo dilacerado e aberto, e atestavam que um só tipo de suplício bastaria para tirar a vida, sem necessidade de tantos e tão terríveis. Mas a bem-aventurada mulher, como nobre atleta, rejuvenescia na confissão, e para ela era recuperação de forças, descanso e ausência de dor em meio aos acontecimentos o dizer: “Sou cristã, e nada de mal é feito entre nós!”⁵²

Os cristãos ficaram admirados com tão grande força de alma numa menina e com sua grandeza moral mesmo sendo uma serva, reconhecendo nela a porta-voz do próprio Cristo. Pendurada num poste no meio do anfiteatro e “vendo-a assim, como crucificada e orando em voz alta, os combatentes de Cristo sentiam-se mais corajosos”⁵³.

A bem-aventurada Blandina foi a última mártir de todos. Assim como uma mãe que infundiu coragem a seus filhos e os enviou adiante vitoriosos para seu rei, voava para eles alegre e prazerosa da partida, depois de percorrer também ela todos os combates de seus filhos, como se fosse convidada a um banquete de bodas e não lançada às feras. Depois dos açoites, das feras e das chamas, atiraram-na a um touro. Depois de ser lançada por longo tempo pelo animal, insensível já ao que lhe acontecia por sua esperança mantida em tudo o que havia crido e por sua conversação com Cristo, “também ela foi sacrificada, enquanto os próprios pagãos confessavam que jamais entre eles uma mulher havia padecido tantos e tais suplícios”⁵⁴.

⁵¹ DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1991. p. 176.

⁵² CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Tradução Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 2000. p. 224

⁵³ DANIEL-ROPS. Op. cit., p. 179.

⁵⁴ CESAREIA, Eusébio de. Op. cit., p.233.

2.1.3. As mártires de Alexandria

Eusébio de Cesaréia, traz em seu livro um trecho de uma carta escrita pelo Bispo de Antioquia a um homem chamado Fabio. Esta carta retrata a perseguição sob o governo de Décio aos cristãos de Alexandria que, segundo o Bispo, “a perseguição não começou pelo edito imperial, mas antecipou-se um ano inteiro. Tomando a dianteira nesta cidade o adivinho e autor de males, [...] agitou e excitou contra nós as turbas de pagãos reavivando seu zelo pela superstição do país”⁵⁵.

Entre os mártires, destaca-se uma mulher chamada Quinta. Levaram-na ao templo dos ídolos e tentaram forçá-la a adorar, mas como ela se virou horrorizada, amarraram seus pés e a arrastaram por toda a cidade sobre o áspero calçamento, batendo-a contra as lajes enquanto a açoitavam. Ao voltar ao mesmo lugar, apedrejaram-na.

Além de Quinta, outras quatro mulheres também deram seu testemunho de fé em Cristo entregando suas vidas a Ele. Entre elas estava Ammonaria, uma santa virgem, que foi torturada com toda cólera e força após o juiz ter feito constar de antemão que ela não diria uma só palavra que ele ordenasse e como ela cumpriu sua promessa, levaram-na ao suplício. A venerável anciã Mercuria, e Dionisia, que mesmo sendo mãe de muitos filhos, amou mais ao Senhor. O juiz sentindo-se envergonhado por suas torturas serem ineficazes e para não ser vencido pelas mulheres, fez com que morressem pela espada e não provassem mais tormentos.

2.1.4. Os vários homens e mulheres, que combateram de diversas maneiras.

Em Tiro os egípcios empreenderam publicamente seus combates pela religião. Mas se admirou ainda mais aqueles que sofreram o martírio em sua própria pátria, no Egito, onde homens, mulheres e crianças, em número incontável, suportaram pelo ensinamento de Cristo diferentes gêneros de mortes:

uns, depois dos garfos, dos potros, dos açoites crudelíssimos e de infinitos e variados tormentos, que fazem estremecer só de ouvi-los, foram lançados ao fogo; outros foram tragados pelo mar; outros estendiam valentemente as próprias cabeças aos que as cortam; outros inclusive morriam em meio às torturas; a outros consumiu a fome, e outros por sua vez foram crucificados, uns como é costume fazer aos malfeitores, e a outros ainda pior, pregados ao contrário, a cabeça para baixo, e deixados com vida até que morressem de fome sobre o próprio patíbulo.⁵⁶

Os ultrajes e dores suportados pelos mártires de Tebaida ultrapassaram toda descrição de crueldade existente. Seus corpos eram dilacerados, empregando neles conchas até que

⁵⁵ Ibidem, p. 327

⁵⁶ Ibidem, p. 409.

perdessem a vida; “as mulheres eram atacadas por um pé e suspensas no ar por máquinas com a cabeça para baixo e o corpo completamente desnudo e descoberto, oferecendo a todos os observadores o espetáculo mais vergonhoso, o mais cruel e mais desumano de todos”.⁵⁷

Toda uma pequena cidade de cristãos na Frígia foi cercada por soldados que lhe atearam fogo e queimaram a todos, incluindo crianças e mulheres, que invocavam a gritos o Deus do universo. Isto se deu porque todos os habitantes da cidade em massa, inclusive o próprio inspetor imperial de contas e todos os magistrados com o povo inteiro, se converteram ao cristianismo e não obedeciam aos que lhes ordenavam adorar os ídolos.

Em Antioquia, perseguiram uma mulher santa e admirável pela virtude de sua alma e famosa por sua riqueza, sua linhagem e seu bom nome. Havia criado suas filhas, um par de virgens notáveis pela beleza de seu corpo e em plena juventude, na religião cristã. Segundo Eusébio,

Vendo-se a si mesma e as suas filhas em tal apuro, a mãe falou-lhes e lhes expôs os horrores que lhes viriam dos homens, inclusive o mais terrível e insuportável de todos, a ameaça de violação, exortando-se a si mesma e exortando as filhas a não tolerar nem sequer que chegassem a roçar-lhes os ouvidos. Dizia-lhes também que entregar suas almas à escravidão dos demônios era pior do que todas as mortes e que toda ruína, e lhes sugeria que a única solução de tudo isto era a fuga para o Senhor. Então, estando de acordo as três, arranjaram decentemente seus vestidos em torno de seus corpos e, chegadas ao meio do caminho, pediram aos guardas permissão para afastarem-se um momento, e se lançaram ao rio que corria ali ao lado.⁵⁸

Ainda em Antioquia, houve outro par de virgens que foram lançadas ao mar. Essas eram em tudo dignas de Deus, ilustres por sua linhagem, brilhantes por sua posição, jovens na idade, formosas de corpo, santas de alma, piedosas de caráter e admiráveis em seu zelo. Esse suplício foi como se a terra não fosse capaz de suportar tanta grandeza, fazendo com que os carrascos as lançassem ao mar.

2.1.5. As últimas testemunhas

A perseguição de Diocleciano aos cristãos começou no ano de 303, tornando-se a mais sangrenta de toda a história da Igreja. Por todas as partes do Império, espalharam uma série de quatro editos imperiais mandando destruir todas as igrejas; queimar as Escrituras; privar de honras⁵⁹ a aqueles que delas desfrutavam se permanecessem fiéis em sua profissão de fé ao cristianismo; prender todos os presidentes das igrejas e forçá-los por todos os meios a sacrificar aos deuses imperiais sob a pena de execução, caso se recusassem.

⁵⁷ Ibidem, p. 410.

⁵⁸ Ibidem, p. 417

⁵⁹ Perda inclusive do direito de cidadania romana.

Em meio a todo esse conflito, surgiram figuras admiráveis de homens e mulheres que se destacaram pela sua força de fé e coragem. Destaco aqui a jovem Santa Irene de Salônica, cujas duas irmãs suas já haviam sido martirizadas pelo fato de esconderem em casa os livros sagrados e impedirem que eles fossem destruídos. Quando interrogada, Irene declarou: “Nós preferimos ser queimadas vivas ou sofrer tudo o que quiserem a entregar os livros”⁶⁰. Esses livros tinham sido guardados num esconderijo de sua casa e mesmo não podendo lê-los a tanto tempo, mas fortes na fé e na esperança que neles havia haurido, Irene e suas irmãs tinham a certeza de que nem a morte de seus corpos nem a destruição de seus livros, era capaz de prevalecer contra elas.

Aos poucos a perseguição se torna ainda mais acirrada, de modo que cada fiel era interrogado diante de magistrados. Surge, então, uma imensa quantidade de figuras corajosas, cuja intrepidez percorre toda a escala de heroísmo. Entre essas figuras estão Santa Margarida de Antioquia e Santa Catarina de Alexandria que, segundo a tradição, foi dilacerada por rodas providas de espadas e depois de morta transportada para o Sinai, local em que hoje se tem um convento com seu nome.

Diante de tantos heróis, os esforços dos Magistrados pareciam inúteis. Com isso, inventaram uma variedade de suplícios, renovaram os meios de torturas e de matança, mas nada disso adiantou. Mais uma vez a violência foi vencida. Eles chegaram ao ponto de empregar meios absurdos de tortura, como enfiar na boca dos cristãos a carne dos sacrifícios e o vinho das libações, porém isso teve o resultado contrário. A multidão começou a ter desgostos por esse tipo de prática e a ter simpatia pelos cristãos. No Egito os pagãos começaram a esconder os cristãos fugitivos.

Com frequência, as formas empregadas pelos funcionários de Roma começaram a produzir efeitos contrários ao esperado. Em Egéia de Cilícia, uma cristã enquanto estava sendo torturada completamente nua, começou a gritar ao governador: “Tratando-me assim, estás desonrando a tua mãe e a tua esposa, porque nós, mulheres, somos todas solidárias no nosso sexo”⁶¹. Diante disso, não houve mulher alguma que não recebesse essas palavras e não se questionasse em sua consciência. A partir de então, os imperadores já não possuíam forças para enfrentar o cristianismo.

⁶⁰ DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1991. p. 399.

⁶¹ *Ibidem*, p. 402.

2.2. A vida e o testemunho das mulheres citadas no Cânon do Missal Romano.

2.2.1. Santas Perpétua e Felicidade

Segundo Alexandre, um édito do imperador Sétimo Severo do ano de 202, tinha proibido o proselitismo cristão. Na África, mais precisamente em Cartago, foram presos alguns jovens catecúmenos: Revocato e Felicidade, sua companheira de escravatura, Saturnino e Secúndulo.⁶²

Com este grupo, também foi presa Víbia Perpétua, uma jovem de nascimento distinto, filha de um nobre da cidade de Tuburbo, ao sul de Cartago. Casada segundo as regras do casamento das matronas, tinha um filho de peito. Além disso, Perpétua tinha dois irmãos, um dos quais era igualmente catecúmeno. Tinha cerca de vinte e dois anos de idade. Os catecúmenos foram batizados no início do seu cativeiro. Saturo, que os guiava na fé cristã, se entregou à justiça e se juntou à prisão. Depois do interrogatório, da profissão de fé e da condenação às feras, o grupo foi transferido para a prisão militar, à espera dos Jogos oferecidos pelo aniversário de César Geta, filho do imperador.

De acordo com Daniel-Rops,

foram dias terríveis. Nos redutos escuros onde os amontoavam, o calor e o cheiro eram insuportáveis, e Perpétua, habituada a uma vida bem diferente, estava apavorada. A troca de dinheiro, dois diáconos da Igreja conseguiram um pouco mais de humanidade para com os prisioneiros. Perpétua foi então autorizada a rever o filho e, dali por diante, a masmorra pareceu-lhe um palácio.⁶³

Mesmo diante desses sofrimentos materiais, o que mais torturava Perpétua, era ver a dor de seus pais e parentes, especialmente de seu pai que mesmo velho, empreendeu uma longa viagem de sua província para vê-la. Estando ao lado da filha, ele implora, suplica, ameaça, estando perturbado pelo desespero e pela amargura. Perpétua conseguiu resistir a tudo isso, pois possuía uma força de alma em plenitude! Assim como a jovem Blandina, ela passa a encorajar os outros dentro da prisão.

Quando foi presa, Felicidade estava grávida de oito meses. Pouco antes de chegar o dia de sua morte, ela começou a sentir as dores do parto. Como o parto foi difícil e a fazia sofrer muito, ela gemia. Um dos guardas começou a zombar dela dizendo: “Se você já está chorando assim, que será de você quando for atirada às feras?” Felicidade respondeu: “Agora

⁶² ALEXANDRE, M. **Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos**. In: PERROT, M. D. G. **História das mulheres no Ocidente 1: a Antiguidade**. Tradução Maria Helena C. Coelho e Alberto Couto. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 606.

⁶³ DANIEL-ROPS. Op. cit., p. 351.

sou eu que sofro, mas lá será um Outro que estará em mim, sofrendo por mim, e eu sofrerei por Ele”.⁶⁴

O texto retirado *Da narrativa dos Mártires de Cartago*⁶⁵, narra que ao chegar o grande dia da vitória, os mártires saíram do cárcere e entraram no anfiteatro como se fossem para o céu. Seus rostos estavam radiantes e serenos e se algum tinha a fisionomia alterada, era de alegria e não de medo. Perpétua foi a primeira a ser arremessada aos ares por uma vaca brava e caiu de costas. Imediatamente se levantou e, vendo Felicidade caída por terra, se aproximou, deu-lhe a mão e a ergueu. As duas mulheres ficaram de pé.

Após saciar a crueldade do povo, foram levadas à porta chamada Sanavivária, onde Perpétua foi recebida por Rústico, um catecúmeno que permanecia sempre a seu lado. E como que despertando do sono, pois até esse momento estivera em êxtase, começou a olhar ao redor e, para espanto de todos, perguntou: *Quando seremos expostas àquela vaca?* Ao lhe responderem que já havia acontecido, não acreditou e se convenceu apenas quando viu no corpo e nas suas vestes a marca dos ferimentos recebidos. Depois, chamou seu irmão e Rústico e disse-lhes: *Permaneçei firmes na fé, e amai-vos uns aos outros; não vos escandalizeis com os nossos sofrimentos.*

Não obstante, o povo ainda exigia em alta voz que aqueles que iam receber o golpe final, fossem levados para o meio do anfiteatro, pois queriam ver com os próprios olhos a espada penetrar nos corpos das vítimas. Os mártires espontaneamente se levantaram e foram para onde o povo queria. Deram uns aos outros o beijo santo da paz, para coroarem o martírio. Todos receberam o golpe da espada, imóveis e em silêncio; Saturo, que fora o primeiro a subir e o primeiro a entregar a alma, ia confortando Perpétua até o último instante. “E esta, que desejava ainda experimentar maior dor, exultou a sentir o golpe em seus ossos, puxando ela própria para sua garganta a mão indecisa do gladiador inexperiente”⁶⁶.

Estes acontecimentos chegaram ao nosso conhecimento por meio de um relato contemporâneo anônimo redigido em latim; dele dependem uma versão grega e, mais tarde, uns Atos abreviados. O narrador exalta, tanto ao crente quanto ao descrente, estes novos testemunhos que atestam que o Espírito Santo continua a operar nos nossos dias e relata longamente o combate vitorioso dos mártires. No meio do seu relato, transmite as narrativas de dois dos condenados, Saturo e Perpétua. De modo particular, a narrativa de Perpétua foi

⁶⁴ Ibidem, p. 353.

⁶⁵ LITURGIA DAS HORAS. *Ofício das Leituras - Da Narrativa dos Mártires de Cartago*. p. 1286

⁶⁶ Ibidem, p. 1286.

desenvolvida de forma brilhante e apresentada como escrita pela sua própria mão e segundo as suas impressões.

Ao lado dessas mulheres silenciosas, uma mulher parece produzir um escrito, uma voz rara. O fragmento de autobiografia centrado no essencial afirma, desde a primeira conversa de Perpétua com o seu pai até o comparecimento perante o procurador Hilariano, uma definição de si mesma unicamente nos termos de *eu sou cristã*. Perpétua representa “uma feminilidade assumida e transcendida”⁶⁷. Desde então, o poder que a devoção cristã reconhecerá a ela e aos seus companheiros, sendo incluídos no calendário romano, nas deposições de mártires, a 7 de Março de 354, ‘Perpétua e Felicidade em África’.

2.2.2. Santa Águeda

Santa Águeda nasceu em Catânia, na Sicília, e pertencia a uma família nobre e rica. Além de possuir bens, era muito bonita, fazendo com que o cônsul Quinciano ficasse interessado em tê-la como esposa. Porém, Águeda já havia prometido sua vida a outro esposo, Jesus Cristo. Segundo Sgarbossa e Giovannini, o cônsul recorreu a uma famosa feiticeira chamada Afrodísia para tentar convencê-la, mas ela não conseguiu, tendo que se declarar vencida pela pureza e pela fé de Águeda.⁶⁸ Inconformado, Quinciano começou a ameaçar a menina entregando-a a torturas e atrozes tormentos.

O cônsul mandou arrancar-lhe os seios. Águeda teria dito a ele: “Tirano cruel, não se envergonha de danificar numa mulher aqueles seios dos quais, quando menino, tirou o sustento para a vida?”⁶⁹. Ela teve então os seios arrancados por tenazes, mas foi curada milagrosamente no dia seguinte. Nesse mesmo dia, foi martirizada ao ser submetida ao suplício das brasas ardentes.

O combate glorioso desta mártir diante das chamas do ódio de seu pretendente incentivou os cristãos a pedirem sua intercessão contra as lavas do vulcão Etna, que segundo a tradição, ela os livrou das erupções um ano após seu martírio, em 250.

São Metódio, bispo da Sicília, em um sermão feito em honra da festa do martírio de Santa Águeda datado do século IX, nos diz:

⁶⁷ ALEXANDRE, M. **Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos**. In: PERROT, M. D. G. **História das mulheres no Ocidente 1: a Antiguidade**. Tradução Maria Helena C. Coelho e Alberto Couto. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 607.

⁶⁸ SGARBOSSA, Mario. GIOVANNINI, Luigi. **Um Santo para cada dia**. São Paulo: Paulus, 12ª ed, 2003. p. 41.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 41.

É uma virgem esta mulher que nos convidou para o sagrado banquete; é a mulher desposada com um único esposo, Cristo, para usar as mesmas expressões do apóstolo Paulo, ao falar da união conjugal. É uma virgem que pintava e enfeitava os olhos e os lábios com a luz da consciência e a cor do sangue do verdadeiro e divino Cordeiro; e que, pela meditação contínua, trazia sempre em seu íntimo a morte daquele que tanto amava. Deste modo, a mística veste de seu testemunho fala por si mesma a todas as gerações futuras, porque traz em si a marca indelével do sangue de Cristo e o tesouro inesgotável da sua eloquência virginal.⁷⁰

A partir disso, é possível ver a coragem e a força desta mulher que, com toda a sua convicção em ser sua esposa, Deus lhe concede a graça de estar com Ele ao receber a coroa do martírio. Que possamos ter essa coragem que ela teve em não deixar que nossos princípios sejam corrompidos por ameaças daqueles que não compreendem o verdadeiro sentido da fé e da entrega total a Cristo.

2.2.3. Santa Luzia

Luzia pertencia a uma família rica de Siracusa. Sua mãe Eutíquie era viúva e prometeu a jovem em casamento, mas ela tinha feito um voto de consagração de sua virgindade por amor a Cristo. Posteriormente seu casamento foi adiado e sua mãe foi atingida por uma grave doença. Por ser devota de Santa Águeda, Luzia quis levar sua mãe até a tumba da santa. Quando voltou, ela estava completamente curada e concordou com a filha, dando-lhe seu consentimento para que fizesse o que seu coração desejasse. Além disso, consentiu que Luzia distribuísse aos pobres os bens de seu rico dote.

Ao saber disso, o noivo acusou Luzia de ser cristã como vingança de sua rejeição. Ao ser ameaçada pelo procônsul Pascásio de ser exposta ao prostíbulo, ela respondeu: “O corpo se contamina se a alma consente”.⁷¹ Uma longa série de sofrimentos se iniciou, até que um golpe de espada pôs fim na sua vida.

2.2.4. Santa Inês

Santa Inês é “a doce pequena mártir, condenada ao encerramento num prostíbulo por se ter recusado a desposar um pagão e que foi miraculosamente ocultada pela sua longa cabeleira e defendida pelos anjos, sendo por fim decapitada”⁷² na perseguição aos cristãos imposta por Diocleciano.

⁷⁰ SÃO METÓDIO. *Do Sermão da festa de Santa Águeda*. In Liturgia das Horas. São Paulo: p. 1250.

⁷¹ SGARBOSSA, Mario. GIOVANNINI, Luigi. *Um Santo para cada dia*. São Paulo: Paulus, 12ª ed, 2003. p. 377.

⁷² DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1991. p. 393.

Santo Ambrósio de Milão nos conta que ela “sofreu o martírio com a idade de doze anos. Quanto mais detestável foi a crueldade que não poupou sequer tão tenra idade, tanto maior é a força da fé que até naquela idade encontrou testemunho”.⁷³ Por meio deste testemunho, Inês tornou-se um dos exemplos mais influentes da história cristã.

Como de costume, a idade de 12 anos era o momento em que as meninas eram dadas em casamento por seus pais. Ao atingir essa idade, conta-se que Inês era muito assediada por vários pretendentes por sua beleza. Porém ela já havia escolhido para si um noivo, Jesus Cristo. Um desses pretendentes, frustrado e enfurecido por ser rejeitado por ela, denunciou-a as autoridades como cristã, gerando a prisão de Inês.

Como quase sempre acontecia com as cristãs virgens, após constantes recusas a abjurar de seus votos, o juiz irritado mandou enviá-la a um bordel para que se corrompesse. Conta-se, segundo a lenda, que milagrosamente os homens recusavam tocá-la. Deste modo, ela foi levada de volta, torturada e condenada a ser executada em público. Ela aceitou a morte com grande coragem.

De acordo com Aquilina e Bailey,

A história de Inês era mais que a história de uma jovem valente. Inês passou a representar os sofrimentos de inúmeros mártires cristãos sob a perseguição romana – da mesma maneira que, séculos mais tarde, outra jovem chamada Anne Frank viria a simbolizar os sofrimentos de inúmeros mártires judeus sob a perseguição nazista..⁷⁴

A doce menina da nobreza romana foi brutalmente assassinada, encarando bravamente a morte como poucos homens romanos fossem capazes de suportar. É provável que sua morte tenha gerado a conversão de muitos em Roma que se envergonharam de si mesmos diante de tantos sofrimentos a uma pequena juvenzinha.

Sobre sua força, Ambrósio nos conta:

Ainda não preparada para o sofrimento e já madura para a vitória! Mal sabia lutar e facilmente triunfa! Dá uma lição de firmeza apesar de tão pouca idade! Uma recém-casada não se apressaria para o leito nupcial com aquela alegria com que esta virgem correu para o lugar do suplício, levando a cabeça enfeitada não de belas tranças mas de Cristo, e coroada não de flores mas de virtudes. Todos choram, menos ela. Muitos se admiram de vê-la entregar tão generosamente a vida que ainda não começara a gozar, como se já tivesse vivido plenamente. Todos ficam espantados que já se levante como testemunha de Deus quem, por causa da idade, não podia ainda dar testemunho de si.⁷⁵

Quantas propostas de casamento Inês deve ter recusado até chegar ao seu fim. Em meio a essas propostas sua resposta foi esta: “É uma injúria ao Esposo esperar por outro que

⁷³ AMBRÓSIO DE MILÃO. **Tratado sobre as Virgens**. In Liturgia das Horas v. 3. São Paulo: Editora Vozes, Paulinas, Paulus, Ave Maria, 1995. p. 1196.

⁷⁴ AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 67.

⁷⁵ AMBRÓSIO DE MILÃO. Op. cit., p, 1196.

me agrade. Aquele que primeiro me escolheu para si, esse é que me receberá. Por que demoras, carrasco? Perea este corpo que pode ser amado por quem não quero!”⁷⁶

Diante de todos, ela se levantou, rezou e inclinou o pescoço. Olhou e viu o carrasco tremer, como se ele fosse o condenado. Ele tinha o rosto pálido e sua mão direita vacilava, enquanto que ela nada temia. Inês ganhou o prêmio do martírio e da permanência de sua virgindade.

Não muito tempo depois, Constantino transformou-se no único governante da parte ocidental do Império Romano. Inês era vista como a maior heroína dos cristãos romanos da época. A filha de Constantino, Constância, mandou construir uma grande basílica fora dos muros de Roma, onde está o túmulo de Inês, tornando um dos principais lugares de peregrinação da cidade.

2.2.5. Santa Cecília

Nos últimos tempos de Marco Aurélio, a perseguição contra os cristãos reacendeu em Roma. Isso se deu, segundo Daniel-Rops,

por causas profundas, como o nervosismo e a irritação que se tinha apossado das autoridades e da opinião pública desse governo em face das guerras espinhosas na Bretanha, no Reno, no Danúbio e contra os partos na Armênia, bem como diante das terríveis epidemias e das brechas na fidelidade dos militares. Nessas circunstâncias, os processos contra os cristãos bem podem ter desempenhado mais uma vez o seu papel de útil diversão.⁷⁷

O martírio de Cecília ocorreu por volta dos anos 178 a 180 d.C. A trama de seu martírio está descrita na *Passio Sanctae Ceciliae*, um texto datado de três séculos e meio posterior ao ocorrido. Nele o autor descreve por meio de seus conhecimentos teológicos e de seu talento literário o martírio de Cecília com uma piedade pouco discreta. Sua história pode ser citada como um dos exemplos mais perfeitos das *Paixões* que os cristãos da Idade Média amavam ler e que possuem um encanto literário inegável, mesmo que se duvide de sua veracidade.

Cecília era de uma das famílias mais nobres e antigas de Roma. É provável que ela tenha sido batizada por alguma ama ou escrava fiel a Cristo. Cresceu em estatura e na fé, no lar de seus pais, um dos belos edifícios construídos em Roma depois do incêndio de Nero. Por baixo de seus vestidos bordados a ouro, trazia consigo um cilício e o Evangelho no coração. Ao atingir a idade de contrair matrimônio, seus pais a prometeram a um rapaz jovem e amável

⁷⁶ Ibidem, 1197.

⁷⁷ DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1991. p. 180.

chamado Valeriano, cuja família também era ilustre e de muitos bens. Possuíam uma moradia riquíssima do outro lado do Tibre, estranhamente situada num bairro modesto.

No fundo de sua alma, Cecília tinha se consagrado a Deus somente. Na noite de núpcias, após a festa de casamento, dirigiu ao esposo um discurso que começava assim: “Ó doce e amável jovem, eu tenho de confiar-te um mistério, sob a condição de que tu me jures solenemente guardar segredo...”⁷⁸. Diante de seu rosto amado, Valério cede. Ele escuta a jovem falar de Jesus, da fé cristã, do anjo que vela pela sua pureza e do amor que a espera.

Não obstante, o irmão de Valério, chamado Tibúrcio, veio visitar o jovem casal e ficou admirado, tanto ao respirar um aroma maravilhoso que os envolvia, quanto em ouvir os graves propósitos do casal. Disseram-lhe que fizeram uso de um perfume de rosas sobrenatural, de lírios invisíveis, e que suas palavras têm uma explicação muito simples. Então Tibúrcio pede que o informem e Cecília lhe dá um pequeno curso de teologia. Ele acaba se convertendo pelo eloquente discurso da cunhada e diz: “O anjo de Deus falou pela tua boca!”⁷⁹.

O drama se inicia quando os dois irmãos neófitos começam a construir necrópoles, onde repousarão os corpos dos numerosos mártires nos jardins da família e a organizar nas suas casas cerimônias. Não demorou muito e foram denunciados, presos e levados ao prefeito da cidade que tentou convencê-los e livrá-los dos castigos por serem de alta linhagem. Todavia, os irmãos queriam morrer; desprezaram todos os magistrados do mundo e todos os deuses de Roma para receberem o golpe da espada. A atitude de ambos é tão heroica que o soldado chamado Máximo, encarregado de levá-los para a morte, acaba se convertendo e morrendo junto com eles. Os dois patrícios são mortos a golpes de cutelo e Máximo a golpes de chicote revestido de chumbo.

Cecília fica ainda mais forte na fé, mesmo estando viúva. Mandou recolher os corpos e deposita-os em uma necrópole cristã. Em seu julgamento ela proclama sua fé bem alto e assume as consequências. De acordo com Daniel-Rops, suas palavras foram:

Não renegaremos nunca o santíssimo nome que conhecemos. *Non possumus!* É-nos impossível. Preferimos morrer na liberdade suprema a viver na desgraça e no desamparo. E o que vos tortura, a vós que em vão vos esforçais para obrigar-nos a mentir, é precisamente esta verdade que proclamamos. [...] Adorais deuses de pedras ou de madeira?⁸⁰

Com isso, primeiro tentaram matar a jovem por meio da asfixia na própria sala de banhos sobreaquecida. Porém, depois de vinte e quatro horas dentro do *caldarium*, a

⁷⁸ Ibidem, p. 182

⁷⁹ Ibidem, p. 182

⁸⁰ Ibidem, p. 183

encontraram num ambiente de agradável frescor, louvando e agradecendo a Deus. Depois mandaram executá-la a golpes de cutelo. O executor erra os três golpes que a lei autorizava e Cecília fica com o pescoço meio decepado, porém mesmo assim, por um milagre, ela ainda possuía forças para consolar os seus.

Em suma, o exemplo de Cecília nos mostra os méritos espirituais da virgindade, da nobreza de uma mulher que rejeitou a felicidade de ser mãe para encontrar o direito de dar almas a Deus. Isso vai em contraposição ao conceito de mulher dos antigos romanos que as viam como “mero instrumento social da fecundidade patriótica⁸¹”.

2.2.6. Santa Anastácia

Anastácia era uma jovem muito bela, filha de Protestato e Fausta, ambos romanos e pagãos. Foi convertida juntamente com sua mãe à fé cristã por seu professor Crisogono, que posteriormente se tornou mártir. As duas se dedicavam a ajudar os pobres e a converter os pagãos.

Logo após a morte de sua mãe, o pai lhe impôs o casamento com um rico pagão da nobreza romana. Mesmo contra a vontade, Anastácia se casou e continuou ajudando os pobres às escondidas. Porém, quando o marido soube a puniu cruelmente e a proibiu de sair de casa.

Na ocasião, seu marido Públio foi nomeado embaixador na Pérsia por Diocleciano. Ele partiu e deixou Anastácia sob a guarda de um homem cruel que tinha ordem de deixá-la morrer lentamente, mas logo chegou a notícia da súbita morte de Públio. Anastácia foi então libertada.

Passou a prestar caridade aos pobres novamente e a pregar o evangelho de Cristo com mais fé ainda. Com isso, logo suspeitaram que ela fosse cristã e a levaram à presença do prefeito de Roma que tentou fazê-la renunciar à sua religião. Contudo, nem ele nem o imperador Diocleciano conseguiram convencê-la.

Anastácia ficou presa durante um mês no pior dos regimes carcerários. Após esse período, “ela estava mais bela do que antes, e ainda mais firme na sua fé. Inconformado, o imperador a entregou para ser morta junto com os outros presos cristãos. Anastácia morreu queimada viva, no dia 25 de dezembro de 304, em Esmirna”.⁸²

Seu culto, um dos mais antigos da Igreja, se espalhou por toda a cristandade do Oriente e do Ocidente. Em quase todos os países, existem igrejas dedicadas a ela, e muitas

⁸¹ Ibidem, p. 183.

⁸² SANTA ANASTÁCIA. Disponível em: <<http://www.arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santa-anastacia>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

guardam, para devoção dos fiéis, um fragmento de suas relíquias. Sua celebração ocorre tanto no Oriente como no Ocidente, no dia de sua morte, sempre recordada na missa do período da tarde, em razão da festa do Natal de Jesus Cristo.

Por meio deste capítulo, portanto, podemos ver o quanto essas mulheres foram fortes e importantes para a história da nossa Igreja. Seguir a Cristo em momentos e locais de perseguição é a mais bela expressão de fé e de amor verdadeiro que uma pessoa pode se expressar. Por isso, quando o próprio Cristo diz que “ninguém tem maior amor do que aquele que se despoja da vida por aqueles que ama” (Jo 15,13)⁸³, vemos de maneira concreta que essa verdade vivida tem efeitos eternos na humanidade.

⁸³ A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 1328-1329.

CAPÍTULO 3. AS MULHERES E OS PADRES DA IGREJA

Ao longo dos anos, muitas mulheres influenciaram não apenas a comunidade cristã na qual estavam inseridas, mas também suas famílias e a sociedade à sua volta. Como vimos nos capítulos anteriores, em cada época, em seu contexto histórico e cultural, a mulher soube se sobressair e encontrar o seu lugar na sociedade, mesmo que para isso fosse necessário desafiar os limites da injustiça e desigualdade.

Neste capítulo, resgataremos brevemente a visão que o Magistério recente da Igreja tem do *ser mulher*. Com isso, poderemos ter uma visão geral de como a mulher é vista ao longo dos pontificados que se sucederam após o Concílio Vaticano II até os dias de hoje. Isso permitirá um maior conhecimento de documentos da Igreja que tratam sobre a mulher, suas funções dentro da Igreja, da sociedade e os desafios acerca da realidade.

Após esse estudo com base no Magistério, direcionaremos nosso olhar ao período da Patrística para conhecermos algumas figuras ilustres de mulheres deste período. Veremos que elas foram capazes de ultrapassar as linhas da história e chegar até os nossos dias, através de uma vida distinta das demais, causando comoção a todos em sua volta, inclusive aos Padres. Para isso, utilizaremos como referência documentos atribuídos à autoria delas mesmas ou por citações feitas pelos Padres da Igreja em seus escritos.

Portanto, que ao conhecermos essas mulheres, possamos também nós reconhecer que todo ser humano, homem ou mulher, é capaz de transformar o mundo, começando pela transformação de si mesmo em meio à prática do Amor de Deus que é derramado em todo aquele que crê e se abre à graça de maneira completa.

3.1. A mulher na perspectiva do Magistério recente da Igreja

O Concílio Vaticano II renovou a consciência da universalidade da salvação e da Igreja e com isso, trouxe uma grande contribuição para a reflexão do papel de cada membro dentro do Corpo Místico de Cristo. A partir dessa perspectiva, vê-se que na Nova Aliança há um só sacrifício e um só sacerdote: Cristo. É por meio dele que todo batizado, tanto homem como mulher, participam deste único sacerdócio enquanto se oferecem como “sacrifício vivo,

santo e agradável a Deus” (Rm 12,1)⁸⁴, dão testemunho do Cristo em toda parte e dão uma resposta acerca da esperança da vida eterna (1Pd 3,15)⁸⁵.

Por isso, desde então há um resgate da importância da contribuição dos fiéis leigos para o crescimento e desenvolvimento da Igreja. Isso faz com que a mulher também encontre espaço dentro das reflexões acerca de todo o povo de Deus em mensagens específicas para elas nos vários aspectos, inclusive social e cultural.

Na conclusão do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI dirigiu uma mensagem às mulheres de todas as condições: jovens, esposas, mães, viúvas, virgens consagradas e solteiras, exaltando com coragem o orgulho que a Igreja tem pela liberdade que a mulher está conquistando aos poucos. Com esta mensagem, o Papa exorta que todas devem estar impregnadas do espírito do Evangelho para ajudarem a sociedade a não decair perante os desafios e mudanças que estavam acontecendo na sociedade.

Por fim, Paulo VI confia às mulheres um grande desafio dizendo: “vós que sabeis tornar a verdade doce, terna, acessível, empenhai-vos em fazer penetrar o espírito deste Concílio nas instituições, nas escolas, nos lares, na vida de cada dia”⁸⁶.

O Papa João Paulo II foi o primeiro a escrever um documento direcionado a todas as mulheres em geral denominado “Mulieris Dignitatem”, em que ele trata da vocação e da dignidade da mulher, com base na Sagrada Escritura e nos documentos do Concílio Vaticano II. A partir dessa carta apostólica, a Igreja reconhece a importância das mulheres desde os primórdios do cristianismo e expressa sua gratidão àquelas que ao longo de toda a história da Igreja foram fiéis testemunhas do Evangelho, tornando participantes da missão apostólica de todo o Povo de Deus.

De maneira geral, nesse período começou a refletir sobre as causas da discriminação e marginalização da mulher na sociedade moderna e chegou-se à conclusão de que isso muitas vezes ocorria pelo simples fato de ser mulher. À vista disso, viu-se a urgência de defender e promover a dignidade pessoal da mulher e sua igualdade com o homem⁸⁷.

O Papa Bento XVI dá continuidade nas reflexões e contribuições de seu antecessor. Segundo ele, as mulheres receberam do Criador uma singular “*capacidade para o outro*”, por isso ela deve contribuir na sociedade de modo eficaz na luta pela preservação dos direitos

⁸⁴ **A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 1396.

⁸⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 10.

⁸⁶ PAULO VI. **Mensagem na conclusão do Concílio Vaticano II às Mulheres**. Vaticano, 1965. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html>. Acesso em 21 de agosto de 2019.

⁸⁷ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici***. São Paulo: Paulinas, 2004, n. 49.

humanos. Em um de seus discursos às mulheres, ele as encoraja a viver e apostar na vida, porque o Deus vivo apostou nelas desde a criação.⁸⁸

Neste período, vê-se a necessidade em reafirmar e defender a igual dignidade do homem e da mulher como pessoas, que se destacam dos outros seres vivos do mundo que os rodeia. Ambos são chamados a viver em profunda comunhão, no recíproco reconhecimento e dom de si mesmos, trabalhando juntos para o bem comum com as características complementares do que é masculino e do que é feminino.

Com o passar dos anos, os desafios encontrados na sociedade atual, tornam-se ainda maiores. O consumismo desenfreado colaborou de maneira avassaladora com o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais individualista. Isso contribuiu para a inversão de valores, de modo que o *ter* tornou-se mais importante que o *ser*. A partir disso, a imagem da mulher foi cada vez mais reduzida a um mero objeto de prazer e satisfação.

Por este motivo, o Papa Francisco tem utilizado todo momento oportuno para tratar de problemas como a prostituição forçada, a venda da dignidade para alcançar um lugar de trabalho, propostas da mídia que utilizam as mulheres como objeto de desejo em suas propagandas, o desprezo da mulher pelo sistema capitalista pelo simples fato de ser mulher, entre muitos outros.

Em uma de suas meditações, o Papa Francisco chega a afirmar que “a Igreja é ‘mulher’ [...] porque é mãe, pois é capaz de ‘dar à luz filhos’: a sua alma é feminina porque é mãe, é capaz de gerar atitudes de fecundidade”.⁸⁹ Assim, a figura da mulher é resgatada como aquela que traz vida à Igreja, transformando cada membro em filho de um único Pai. Nisto consiste a essência da vocação da mulher como aquela que gera vida à sua volta, capaz de trazer o equilíbrio ao mundo.

Além disso, ela também é chamada por Deus desde a criação para trazer a harmonia, a poesia e a beleza ao mundo. Quando não há mulher, perde-se o equilíbrio. Só ela é capaz de ensinar a acariciar, a amar com ternura e fazer do mundo algo belo. Deste modo, o Papa Francisco dirá que a mulher é um grande dom que Deus deu ao mundo, por isso explorá-la é algo muito grave, pois destrói a harmonia que Ele nos deu.⁹⁰

⁸⁸ BENTO XVI. **Encontro com os movimentos católicos para a promoção da mulher**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20090322_promozione-donna.html. Acesso em 22 de agosto de 2019.

⁸⁹ FRANCISCO. **A Igreja é mulher e mãe**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html. Acesso em 22 de agosto de 2019.

⁹⁰ FRANCISCO. **A mulher é a harmonia do mundo**. Disponível em: http://m.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170209_mulher-harmonia-mundo.html. Acesso em 26 de ago. de 2019.

A partir dessa visão geral, vemos que após o Concílio Vaticano II a Igreja passou por uma mudança significativa do seu olhar perante o mundo, tornando-se mais sensível ao apelo do povo que sofre. Com isso, resgatou-se a capacidade de ser luz para a sociedade, cada vez mais necessitada de respostas aos vários sofrimentos humanos do nosso tempo.

Um dos principais feitos vistos a partir de então, é a constante busca do resgate da dignidade da mulher, devido a grande quantidade de problemas já citados acima que se tornaram mais evidentes nos últimos anos. Por isso, trataremos de apresentar figuras que se destacaram e influenciaram a vida de alguns Padres da Igreja com o objetivo de enaltecer que em qualquer época a mulher é capaz de deixar sua marca na história, inclusive no agora.

3.2. O ascetismo feminino

O ascetismo era uma prática já vivida em Israel pelos nazarenos e essênios. Um dado relevante é que no cristianismo primitivo, as mulheres virgens são mais numerosas que os homens. Em Antioquia, na época de Santo Inácio, as virgens já formavam grupos à parte, sendo muito bem vistas pela Igreja. São Cipriano irá chamá-las de “*a coroa da Igreja*”. Elas viviam sob dois aspectos muito importantes: uma perfeição ideal de pureza e um matrimônio místico com Cristo, que são aspectos propriamente cristãos. Outro dado relevante é que a virgindade era vista como um verdadeiro substituto do martírio, trazendo para os adeptos, abundantes graças.

Segundo Brown, foi nos lares cristãos que o ascetismo feminino nasceu. Acreditava-se que quem se beneficiava mais diretamente da devoção de suas filhas virgens era o dono da casa. Ele devia cuidar do desenvolvimento da vocação e da manutenção da clausura das mulheres consagradas da família, sendo incentivado a agir como um “sacerdote do Deus Supremo”. Essas virgens não tinham nenhuma vida própria fora da casa dos pais. Saíam de seus aposentos, quando muito, para participar de cerimônias da igreja local, onde se destacavam, pois suas vozes enchiam as igrejas e as ruas da cidade com o doce cântico dos Salmos.⁹¹

No alto Egito morava uma moça chamada Piamun que, em companhia de sua mãe, tecia o linho e comia apenas à noite em dias alternados. Acreditava-se que suas orações protegia sua aldeia de ataques aos canais de irrigação, trazendo a misericórdia divina para a localidade. Na Ásia Menor acontecia algo semelhante. Havia a virgem Russiana, parente de

⁹¹ BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. J. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990. p. 221.

Gregório Nazianzeno que dependia da família para sobreviver. Em seu testamento, Gregório providenciou uma renda à Russiana, para que pudesse continuar tendo uma vida aristocrata.

Em muitas igrejas locais da Capadócia e de outras regiões, havia grupos de mulheres solteiras consagradas da classe alta que, no tempo de Basílio de Cesaréia, eram chamadas de *kanonikai*, pois se julgava que estavam comprometidas a um “cânon”, isto é, a um ritmo regular de observância que as diferenciava dos demais fiéis.

As virgens tendiam a se concentrar em pequenos grupos, de modo que as amigas intensas desempenhavam um papel essencial. As viúvas ricas ou irmãs solteiras de membros do clero ou de ascetas foram cruciais para a formação de grupos maiores, com cerca de cinquenta, setenta ou até cem virgens. Essas mulheres eram como padroeiras e chefes de família que tinham sob a sua proteção amigas, dependentes ou parentes pobres. Olímpia acomoda cerca de 250 dependentes no convento ao lado da Catedral de Constantinopla. Os pequenos grupos, porém, tinham menos sucesso.

Nessas estruturas informais as mulheres ascetas eram livres para buscar proteção e orientação espiritual aos parentes, parceiros espirituais ascéticos e homens de sabedoria excepcional. Com isso, o mundo da devoção feminina representava uma área de excepcional fluidez e livre arbítrio. As amigas espirituais tinham liberdade para se desenvolver. Havia um intenso sentimento de companheirismo espiritual que aproximava homens e mulheres ascetas.

De acordo com Brown,

a legendária biografia de Santa Febrônia, uma freira martirizada, foi escrita no início do século IV. Revelou com muita clareza o que era considerado normal desde longa data num grande mosteiro feminino no norte da Síria. As mulheres leigas se reuniam às sextas-feiras no oratório do convento. Ouviam longas leituras das Sagradas Escrituras, acompanhadas por uma extensa exegese e orientação espiritual de uma líder santa. As devotas, algumas das quais eram viúvas submetidas à constante pressão da família ou de oportunistas de alta linhagem para voltarem a se casar, iam visitar Macrina, a irmã mais velha de Basílio de Cesareia, em seu convento. Tratavam-na como sua guia e protetora espiritual.⁹²

Segundo Brown, como havia baixo índice de alfabetização entre as mulheres, o ingresso no convento muitas vezes significava o acesso à alfabetização pela ponte da Sagrada Escritura. Um dos mais comoventes milagres de Santa Tecla se deu quando uma devota, a quem sua amiga instruíra e lhe dera um exemplar do Evangelho, descobriu que era capaz de lê-lo à primeira vista. Apesar de Tecla ter sido espancada em público, houve uma virgem da

⁹² BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. J. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990. p. 226.

igreja que continuou a cantar os Salmos pelo livro que tinha à sua frente. A página sagrada era o brasão das devotas: “Que o sol nascente veja o livro em suas mãos”.

3.3. Santa Macrina, a jovem.

Segundo a tradição, a biografia de Santa Macrina foi escrita por seu irmão Gregório de Nissa, considerado juntamente com seu irmão Basílio de Cesaréia e seu amigo Gregório de Nazianzo, os três grandes Padres Capadócijs. Eles foram expoentes peculiares em seu tempo, tendo como principal mérito a explicação do dogma da Santíssima Trindade por meio de formulações teológicas escritas. A consolidação deste feito se deu no II Concílio Ecumênico de Constantinopla (381) juntamente com a fixação no Credo de toda a Igreja, chamado *Niceno-Constantinopolitano*.

Além disso, eles contribuíram de maneira surpreendente na vida monástica, juntamente com Macrina. Ela que era a primogênita de Emélia e de Basílio, recebeu o nome secreto de Tecla, devido a uma visão que sua mãe teve de Santa Tecla durante as complicações do parto que quase levou a filha à morte. Graças à intercessão da santa, Macrina cresceu ao lado de sua mãe e ajudou-a a manter unida sua família numerosa.

Como a educação da criança era a tarefa da mãe, Emélia passou a educar a filha, não com os ensinamentos mundanos da época (baseados na poesia como ferramenta de ensino às crianças), mas passou dar-lhe uma educação religiosa, visto que Macrina possuía grandes dons naturais e um campo fértil para semear os valores evangélicos que sua mãe também havia recebido.

Ao completar 12 anos, Macrina teve de lidar com os primeiros desafios da vida. Como de costume, seu pai escolheu um noivo para ela, porém ele morreu mesmo antes de se casarem e a jovem decidiu permanecer fiel a ele desde então. Mesmo sendo tão jovem, demonstrou ser uma mulher de grande firmeza e fé, tornando-se fiel a seu esposo morto e resistindo a pressões posteriores para que se casasse.

Segundo Brown, ela sempre usava pendurado em seu pescoço um anel que supostamente continha um pedaço da Cruz de Cristo. Para ela, se tratava não apenas uma relíquia, mas um símbolo de seu noivado indefinidamente adiado.⁹³

Logo após a morte de seu pai Basílio, Emélia e Macrina deixaram a vida luxuosa que tinham e começaram a evoluir na vida ascética. Com o tempo, passaram a tratar os empregados como iguais, a comer as mesmas coisas e dormir em camas semelhantes. Além

⁹³ Ibidem, p. 227.

disso, tinham uma vida de intensa oração, ladainhas e louvores a Deus, transformando a casa em um mosteiro. Entre mãe e filha, existia uma comunhão de espírito muito forte, sendo que Macrina preparava o pão para que ambas alimentassem o corpo e confeccionava as hóstias para que alimentassem a alma.

Naucratiu, um dos filhos de Emélia, financiava esse estilo de vida da mãe e da irmã. Contudo, num certo dia, ele morre repentinamente, causando grande dor e sofrimento a Macrina e principalmente à sua mãe. Macrina demonstrou firmemente sua virtude. Soube agir com espírito racional diante de sua mãe aflita, elevando-a do abismo da dor que a submetia.

Com esse acontecimento doloroso, Macrina consegue que sua mãe abrace ainda mais a vida monástica, doando os bens aos pobres e assumindo ainda mais a pobreza como estilo de vida. Vivendo com elas seu irmão Pedro, que havia renunciado definitivamente as honras do mundo, sobreveio uma grande fome na região da Capadócia entre 368 e 369 aproximadamente.

Neste tempo de dificuldades, ocorreu a morte de Emélia. Gregório nos conta que sua mãe, abraçada a seus filhos Macrina e Pedro, profere uma bênção a todos os seus filhos antes de morrer dizendo:

Para Ti, ó Senhor, eu dou o fruto do meu útero ambos tanto como as primícias quanto os décimos. Pois o meu mais velho é a primícia e o meu último nascido é o décimo. Cada um é santificado por Ti pela Lei, e eles são oferendas votivas para ti. Portanto, deixe Tua santificação descer sobre meu primeiro e meu décimo.⁹⁴

Após a morte de sua mãe, Macrina continuou seu caminho de entrega total a Cristo. Ela definiu orientações para seu mosteiro que se tornaram vida com seu exemplo: desprendimento absoluto de todo o desejo mundano, privação total de tudo quanto fosse supérfluo e vão, pobreza nas vestes que se consistiria em apenas uma túnica (que serviria de proteção da dignidade e mortalha na morte).

Segundo Pedrós, Basílio, bispo de Cesaréia, abraçou a vida monástica após uma visita à Macrina em 356. A vida que sua irmã levava deixou-o maravilhado, a ponto de renunciar tudo quanto o mundo podia lhe oferecer. Portanto, podemos afirmar que Macrina lhe deu a semente da vida monástica, vivida muito antes por ela e por suas seguidoras⁹⁵. Oito anos após a morte de sua mãe, Basílio morre causando a ela grande dor. Diante de cada situação de perda, sua fé era testada no fogo e assim como o ouro, tornava mais reluzente com o passar dos anos.

⁹⁴ NISSA, Gregório. **Vida de Macrina**. Disponível em <https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/gregorio_de_nissa_vida_de_macrina.pdf>. Acesso em abr. 2019. p. 11.

⁹⁵ PEDRÓS. Sira Carrasquer. **Madres Orientales**. España: Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 122.

Macrina tornou-se superiora de seu próprio mosteiro, tendo como seguidoras várias mulheres que se uniram a ela pelo seu modo de ser e agir. Procuraram também elas, fugirem da vida comum a qual estavam acostumadas e a ter uma vida com *os pés no céu*. Seu legado monástico feminino foi modelo das gerações que a sucederam.

Anos mais tarde, próximo de sua morte, Gregório foi visitá-la e a encontrou muito enferma. Ele nos conta:

Encontrei-a terrivelmente aflita com sua fraqueza. Ela não estava deitada numa cama ou leito, mas no chão; um saco tinha sido estendido numa tábua e outra tábua apoiava sua cabeça, tão ideal como um travesseiro, sustentando os tendões de seu pescoço de maneira inclinada e segurando-o confortavelmente. Quando ela me viu próximo à porta, ela ergueu-se pelos cotovelos, mas não pôde vir encontrar-me. Sua força tinha sido drenada pela febre. Mas, ao colocar suas mãos no chão e inclinar-se do estrado o máximo que podia, ela mostrou o respeito devido a minha posição. Então, ela levantou sua mão para Deus e disse: ‘Este favor Vós também me concedestes, oh, Deus, e não privaste-me do meu desejo, porque Vós comovestes o vosso servo para visitar aquela feita pela Vossa mão’.⁹⁶

A partir de então, seu irmão passou a ter conversas com ela e a acompanhá-la nestes momentos de dor e sofrimento. Aprendeu a enxergar em Macrina a mulher forte e bela, que lutou diariamente para viver da melhor forma possível diante de Deus e dos irmãos. Antes de morrer, ela dirigiu a Deus essas palavras:

Oh, Deus eterno, a quem estive ligada desde o ventre de minha mãe, Aquele a quem minha alma amou com todas as suas forças, Aquele a quem dediquei minha carne e meu espírito, da juventude até agora — destes-me um anjo de luz para conduzir-me para o lugar de refrescamento, onde é a água do repouso, no seio dos Pais Sagrados. [...]. Oh Vós que tendes o poder na terra para perdoar os pecados, perdoai-me para que eu seja revigorada e possa ser encontrada diante Vós quando eu abandonar meu corpo, sem manchas em minha alma. Mas possa a minha alma ser recebida em Vossas mãos pura e imaculada, como um oferecimento diante de Vós.⁹⁷

Com isso, podemos ver como Macrina ultrapassou os limites impostos a uma mulher, tendo coragem para mudar não apenas a sua vida, mas a de seus familiares, de muitas outras mulheres, de seus empregados e a da própria Igreja. Ela nos ensina que quando somos perseverantes em nossos propósitos e deixamos que o Amor de Deus nos consuma, a terra torna-se fecunda e os frutos aparecem.

3.4. Santa Marcela, Santa Paula e Santa Eustóquia.

Essas três mulheres faziam parte do ciclo de amizades de São Jerônimo. Marcela era uma das amigas mais próximas dele. Ela tinha grande curiosidade intelectual, por isso queria

⁹⁶ NISSA, Gregório. **Vida de Macrina**. Disponível em

<https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/gregorio_de_nissa_vida_de_macrina.pdf>. Acesso em abr. 2019. p. 13.

⁹⁷ Ibidem, pp. 17-18.

ir sempre além, buscando os conhecimentos mais elevados de sua época para compreender aspectos de sua fé. Há o registro de dezoito cartas de Jerônimo para Marcela. Ambos se encontravam repetidas vezes para tirar as mais intrigantes dúvidas de Marcela que soube ir além do que sua cultura exigia de uma mulher.

Marcela foi uma das primeiras nobres romanas a abandonar tudo e viver como monja. Ela transformou sua casa em uma espécie de academia, onde as mulheres podiam estudar Escritura e teologia com os melhores professores da época, incluindo ela mesma. De acordo com Aquilina e Bailey,

Ela também ensinou muitos homens: pergunta complicada a respeito da Escritura, era para a Marcela que deveria fazer essa pergunta – embora ela sempre tivesse o cuidado de atribuir o ensinamento a algum homem famoso da Igreja, para evitar ofender sensibilidades masculinas delicadas.⁹⁸

Marcela foi chamada de *santa mulher* por São Jerônimo em uma carta escrita à Príncípia, uma das alunas de Marcela, que nos conta pormenores da vida da mesma com o objetivo de, segundo ele mesmo, fazer com que outros a conheçam e a imitem. Outro dado interessante desta carta, é que Jerônimo faz comparações de Marcela com Ana, a profetiza citada por São Lucas, mostrando as virtudes daquela mulher que ele admirava por sua postura diante da razão e da fé. Para ele, Marcela foi a responsável por proporcionar a perspicaz liderança intelectual que os romanos precisavam em seu tempo, pois a Igreja de Roma sofria com um perigoso período de heresia.

Posteriormente surgem duas novas figuras: Paula e Eustóquia. Elas eram mãe e filha, mulheres da nobreza romana que aderiram à fé por meio dos ensinamentos de Marcela. Elas, assim como Marcela, tinham muita curiosidade e desejo de conhecer cada vez mais sobre a Escritura. Passaram a fazer uma espécie de curso com Jerônimo. Eram fluentes em latim e grego e, além disso, aprenderam a ler o Antigo Testamento no original, em hebraico. Mais tarde mudaram para a Palestina a fim de viverem como religiosas.

Marcela foi uma das pioneiras a unir vida de oração e cultura, porém com o tempo muitas outras, assim como Paula e Eustóquia, passaram a seguir esse caminho na Roma do século IV. Por isso, podemos concluir que mais uma vez as mulheres são protagonistas da história, contribuindo de modo admirável na vida monástica e conseqüentemente na vida da Igreja.

⁹⁸ AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 91.

3.5. Santa Mônica.

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, que rezou durante anos pela conversão de seu filho, é uma das mulheres mais conhecidas de sua época no âmbito cristão. Por ser uma grande mãe e mestra, ela nunca desistiu de seu filho, tendo paciência de esperar sua conversão, persistência na sua oração e amor para permanecer ao lado dele, mesmo quando este se afastou da Igreja. Mônica fez tudo o que era possível para uma mãe que, além de amá-lo, temia pela sua alma.

Agostinho, ao falar de sua ida para Roma, nos conta que sua mãe não queria deixá-lo partir. Ela chorou amargamente e o seguiu até o barco⁹⁹. Mesmo isso sendo ruim para Mônica, foi na Itália que Agostinho conheceu Ambrósio e finalmente voltou para a Igreja antes da morte de sua mãe, lhe dando grande orgulho e satisfação.

Pouco antes de sua morte, Agostinho foi visitá-la e tiveram uma longa conversa sobre os mistérios da vida eterna. Ambos discursaram docemente sobre a grandeza dos mistérios de Deus, o que nos faz ver como Mônica era sábia e o quanto ela contribuiu para o crescimento da fé de seu filho. Neste mesmo dia ela lhe disse:

Filho, quanto a mim, já nada me atrai nesta vida. Não sei o que faço ainda aqui, se já se desvaneceram para mim todas as esperanças do mundo. Uma só coisa me fazia desejar viver um pouco mais, e era ver-te cristão antes de morrer. Deus me concedeu esta graça superabundantemente, pois te vejo desprezar a felicidade terrena para servi-lo. Que faço, pois, aqui?¹⁰⁰

Mônica também falou a alguns amigos de Agostinho sobre o desprezo da vida terrena e o benefício da morte. Eles ficaram maravilhados pela sua coragem diante da morte, pois para ela era o grande dia de sua ressurreição.

Logo depois ficou enferma e faleceu aos cinquenta e seis anos. Sua morte não se tornou uma desgraça para Agostinho e sua família, porque eles estavam certos de que pela vida que ela teve, pelo seu testemunho e pela sua fé sincera, ela não tinha morrido para sempre. Por isso, até hoje ela é modelo de mãe e mulher forte que nunca desistiu de lutar pela salvação dos seus.

3.6. Santa Olímpia.

Olímpia era uma viúva rica que presidia uma casa de mulheres consagradas na cidade de Constantinopla e diaconisa da igreja local. Ela ficou conhecida até nossos dias por ser

⁹⁹ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**; trad. Alex Martins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007. p. 108.

¹⁰⁰ Ibidem, 204.

grande amiga de *São João Crisóstomo*. Por ser amigo dos pobres, seu discurso direto ofendia muitas vezes os ricos. Após grande número de sermões contra a extravagância, a imperatriz de Constantinopla mandou destituí-lo ilegalmente de seu cargo e expulsá-lo da cidade. Olímpia, com grande sacrifício, foi a responsável de financiar seu exílio cobrindo todos os seus gastos e correndo grande perigo. Muito que sabemos sobre o exílio de João, se dá pelas cartas que foram escritas a ela neste período.

Aquilina e Bailey (2018) nos contam que quando João foi expulso de Constantinopla, houve grande tumulto na cidade. A grande catedral irrompeu em chamas e houve grande desentendimento entre aqueles que eram contra e os que eram a favor do bispo. Alguns de seus defensores foram torturados, sendo que Olímpia foi arrastada perante um juiz que era contra ele, acusada de ser um dos incendiários da catedral. Olímpia, por sua vez, usou sabiamente seus conhecimentos da lei romana para inverter o processo e ser solta. O juiz tentou forçá-la pelo menos a reconhecer a legitimidade de Arsácio, nomeado como sucessor de Crisóstomo. Porém sua tentativa foi inválida.¹⁰¹

Passado algum tempo, em seu exílio, João soube que Olímpia estava muito enferma. Ela escreveu-lhe após sua recuperação que não tinha sido grave para não preocupá-lo, pois ele também tinha estado muito doente. Ele lhe respondeu reconhecendo o modelo de coragem que ela era para Constantinopla e sua capacidade de colocar sempre os outros em primeiro lugar.

A partir desse seu exemplo, que saibamos lutar com convicção pelos ideais cristãos, utilizando nossos conhecimentos com coragem e audácia para defender aqueles que lutam a favor dos mais fracos, a fim de por em prática a justiça à nossa volta.

3.7. Proba, a viúva.

Proba era uma viúva rica que fundara em sua casa uma comunidade de viúvas e virgens cristãs em Roma. Ela sentiu verdadeiramente o desejo de levar uma vida devotada a Cristo. Com isso, escreveu para Santo Agostinho, homem de grande inteligência, para que a aconselhasse sobre como rezar. As cartas do Padre da Igreja para ela existem até hoje.

Em sua carta à Proba, Agostinho diz que as viúvas devem rezar com fervor, sendo elas modelo de oração para as demais; que elas devem lembrar que a riqueza única é a que está

¹⁰¹ AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 125-126.

garantida no céu; e por último pede humildemente para que ela não se esqueça de rezar por ele, afinal reconhece que seu cargo é cheio de perigos.¹⁰²

A partir desses exemplos de mulheres, vemos que elas souberam enxergar em suas vidas o que Deus queria que fizessem em meio aos desafios de sua época, tornando instrumentos da graça e luz para os demais. Com isso, contribuíram para o desenvolvimento tanto espiritual como material de homens que se tornaram os Padres da Igreja e souberam ver nelas, modelos de vida e de entrega total a Aquele que é o centro da vida cristã.

¹⁰² Ibidem, p. 129-130.

CAPÍTULO 4. NA ATUALIDADE: O TESTEMUNHO DE IR. LEONELLA SGORBATI, MISSIONÁRIA DA CONSOLATA.

O presente capítulo possibilitará ao leitor conhecer o testemunho de vida de Ir. Leonella Sgorbati, missionária da Consolata, modelo de mulher e religiosa, que doou sua vida inteiramente à missão, de maneira especial no continente africano, tendo como fim o martírio em terras sômalas no ano de 2006. A partir de seu exemplo, evidenciaremos que o martírio é uma realidade muito atual na nossa Igreja que lida constantemente com perseguições cada vez mais intensas neste mundo marcado pela intolerância religiosa e por tantas outras formas de exclusão e desrespeito com o próximo.

Para isto, iniciaremos destacando aspectos martiriais do carisma das Irmãs Missionárias da Consolata que Ir. Leonella encarnou por meio de sua paixão, levando-a a entrega total e livre de sua vida dedicada a Jesus e aos irmãos. Veremos que ela foi capaz de tornar visível em seu corpo, o martírio diário de cada missionária que doa sua vida, dia após dia, numa entrega total e absoluta até o fim. Isto se dá, pois cada missionária da Consolata está unida ao *fio vermelho* que percorre a história do Instituto, guiado pelo Espírito Santo, gerando vida para a Igreja.

Portanto, ao compreendermos isto, seremos capazes de vislumbrar a beleza da vida de Ir. Leonella com um olhar atento aos sinais que indicam o caminho para a doação total. Com isso, apresentaremos uma breve biografia da Bem Aventurada, seguida do contexto que a levou ao martírio. Por fim, concluiremos com um olhar mais atento dos elementos carismáticos adquiridos por Ir. Leonella e os testemunhos que nos ajudam a refletir e nos impulsionam na perseverança e na busca de um mundo onde reine a paz e a concórdia entre todos os povos.

4.1. O martírio segundo o carisma do Bem Aventurado José Allamano

Ao fundar o Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata, José Allamano¹⁰³ transmite às suas filhas o carisma que ele recebeu como dom de Deus. Isto se deu pela contemplação

¹⁰³ José Allamano nasceu em 21 de janeiro de 1851 em Castelnuovo D'Asti, ao norte da Itália. Encerrou sua vida em Turim aos 16 de fevereiro de 1926, junto ao Santuário de Nossa Senhora Consolata. Passou sua vida em Turim, e foi ali que iniciou seus estudos no Oratório de Dom Bosco. Dom Bosco viu nele excelentes qualidades para torná-lo um membro da Sociedade Salesiana, mas o jovem Allamano tinha outro ideal e ingressou no Seminário Diocesano de Turim. Apesar da constituição física fraca, era espiritualmente forte e dedicou-se com entusiasmo ao estudo e à oração. Pedia sempre ao Senhor: "Torna-me santo e não somente bom". Em 20 de setembro de 1873 foi ordenado sacerdote na Catedral de Turim, com apenas 22 anos de idade. Desempenhou com muita fidelidade sua função sacerdotal como Professor de Teologia, Reitor do Colégio Eclesiástico e Reitor do Santuário de Nossa Senhora Consolata em Turim, pelo período de 46 anos. Tinha

peçoal que ele teve do mistério de Jesus, o missionário enviado pelo Pai, pela ação do Espírito Santo e a ternura de Nossa Senhora Consolata¹⁰⁴. Com isso, Padre Allamano, fez a experiência da *alegria da salvação* e sentiu a urgência de anunciar Jesus Cristo aos não cristãos.

Como resposta a este dom, as Missionárias da Consolata são chamadas a ir além das fronteiras e entregar de maneira integral suas vidas em favor da Igreja, de maneira particular aos povos que não conhecem a Cristo. Para isto, são sustentadas pela espiritualidade missionária específica: a da “consolação”. Deste modo, elas seguem “Jesus Cristo no seu ministério público com a *doação total* da própria vida para a Glória de Deus, mediante a profissão dos Conselhos Evangélicos na vida em comunidade e na Evangelização dos não cristãos”¹⁰⁵.

A entrega diária de cada irmã se dá pela adesão total a Cristo para ser n’Ele uma única realidade, tendo como fundamento o amor ao Pai e aos irmãos que precisam ser resgatados. Para tal fim é necessário viver deste amor maior por toda a vida, para que a morte se torne evento do cumprimento do Plano do Pai na atualidade. Isso ocorre, pois a pessoa de Jesus, na totalidade de seus mistérios, ocupa o lugar central na vida do Padre Allamano e nos seus ensinamentos transmitidos às suas filhas.

O ser conquistado por Cristo é uma expressão belíssima, como vemos no exemplo de São Paulo, Apóstolo dos gentios. A experiência feita por ele com o Ressuscitado revolucionou sua vida e lhe deu uma nova identidade e nova visão dos seus interesses pessoais, abrindo mão de tudo para ir ao encontro do Bem Supremo (cf. Fl 3,7-8). Portanto, assim como o Apóstolo Paulo, que se tornou um dos maiores propagadores do cristianismo, as missionárias da Consolata são chamadas a crer que “nem as forças das alturas, nem as das profundezas, nem outra criatura alguma, nada poderá separar-nos do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 8,39).¹⁰⁶

projetos para o mundo. Com saúde frágil, impossibilitado de partir para as Missões enviou outros em nome da Consolata.

Em 1900, Allamano tomou a decisão de criar um instituto missionário, obtendo sua aprovação em 29 de janeiro de 1901 - o Instituto Missões Consolata dos padres e irmãos. Em 29 de janeiro de 1910, o padre Allamano fundou em Turim outro instituto para as Missões, o das irmãs Missionárias da Consolata. Dizia que seus missionários eram portadores de esperança: "Esta é realmente obra do Senhor".

Padre José Allamano é uma das figuras mais marcantes da Igreja de Turim, no final do século XIX e começo do XX. Um sacerdote que soube doar tudo de si no serviço à Igreja e soube também abraçar o mundo com seu amor filial a Nossa Senhora Consolata. Em 7 de outubro de 1990 suas virtudes foram reconhecidas pela Igreja Católica Apostólica Romana, que o declarou Bem-Aventurado José Allamano.

¹⁰⁴ Nossa Senhora Consolata é a Protetora dos Missionários e Missionárias da Consolata.

¹⁰⁵ MISSIONÁRIAS DA CONSOLATA. **Quem somos**. Disponível em <http://mc.consolata.org.br/quem-somos/>. Acesso em 04 de abr. de 2019.

¹⁰⁶ **A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 1392.

Allamano viveu essa convicção e desejava que suas filhas fossem impulsionadas por esse amor. Em uma de suas Conferências Espirituais ele afirma: “Podéssemos também nós ser assim totalmente de Deus, desprezar todo o resto, trabalhar só para Ele, arder no desejo de salvar almas! Vivamos de Deus somente, e basta!”¹⁰⁷

Como fundador, ele tinha o desejo que todas as missionárias fossem *um outro Cristo vivente*, isto é, Sua verdadeira imagem na terra como sinal de consolação aos irmãos. Portanto, cada Missionária da Consolata deve pedir a graça a Deus em seu dia a dia de se tornar aos poucos a imagem do próprio Cristo, se configurar n’Ele para transformar e elevar o ambiente em sua volta. Para isto, é necessário que cada irmã trabalhe para conquistar esse objetivo.

A consagração total, vivida em cada irmã no seu cotidiano, torna-se fogo de amor que arde no seu coração de esposa de Cristo, fazendo com que ela exulte de alegria por sua inteira pertença a Ele. Allamano dizia que a principal característica dos Apóstolos é o amor por Jesus. Não um amor sensível, mas forte em meio às penas, sofrimentos e desafios... um amor *constante até o martírio*. Assim deve ser aquelas que se tornam filhas da Consolata, deixar-se consumir pelo puro amor de Deus a exemplo de Jesus (cf. Jo, 13,1).

Segundo os ensinamentos deixados pelo Bem Aventurado José Allamano, a missão nasce, cresce e se mantém viva em Cristo. Por isso, ser missionária é deixar-se conquistar por esse Alguém que quer partilhar seu amor com todos os nossos irmãos que estão à espera da salvação. Só quem se sente verdadeiramente conquistado pelo amor incondicional e inexplicável, que foi fiel à loucura da cruz, experimenta o impulso de tornar presente e operante esse amor no outro, em uma vida que se torna dom, partilha, presença e consumação até o martírio.

O sofrimento visto pela “ótica allamaniana” traz consigo grande importância, pois é através dele que fortalecemos nossa fé e convicção pelo Senhor. Jesus ao falar a seus Apóstolos, prediz que terão que sofrer muito por seu amor, assim acontece com todo aquele que deseja viver intensamente uma vida doada em sua totalidade. Portanto, faz-se necessário compreender de forma valorosa o significado do sofrimento, não como um masoquismo sem sentido, mas como uma possibilidade de fortalecimento necessário para a vitória sobre as nossas limitações humanas.

Outro aspecto muito importante é o *espírito de sacrifício* em que todas as missionárias são chamadas a se esforçarem para obter cada dia mais, de forma que se habitue aos poucos

¹⁰⁷ Conferenze Spirituale, v. 3, p. 347.

aos pequenos sofrimentos da vida até chegar aos mais desafiantes. Assim diz Allamano: “Quando concebestes a ideia de vos tornardes missionários e missionárias, talvez tivestes até o desejo do martírio. Mas eram e continuam sendo apenas ideias se, na prática, vos amedrontais perante os pequenos sacrifícios”.¹⁰⁸

À vista disso, vemos que as palavras de José Allamano são fonte de santidade e de fecundidade, não apenas para suas filhas, mas para toda a Igreja. Com ele, podemos aprender a viver com intensidade extraordinária de amor, o ordinário dos nossos dias, em que a humildade e o heroísmo se fundamentam no serviço aos irmãos amados, como fez o Cristo, até o fim.

4.2. Breve biografia de Ir. Leonella Sgorbati.

Leonella Sgorbati nasceu em 9 de dezembro de 1940, em Rezzannella di Gazzola (Piacenza) e no mesmo dia foi batizada na paróquia de San Savino di Gazzola, recebendo o nome de Rosa Maria. Logo após a guerra, devido a dificuldades econômicas, a família mudou-se para Sesto San Giovanni e naquele subúrbio de Milão, Rosa viveu seus anos de juventude.

Em 5 de maio de 1963, ingressou no Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata e, ao iniciar o noviciado, no dia 21 de novembro de 1963, recebeu o nome de Irmã Leonella. Este tempo a ajudou a fortalecer sua opção, toda comprometida com Deus e a missão *ad gentes*, assim como queria o Bem-aventurado José Allamano.

Ir. Leonella fez sua primeira profissão religiosa em 22 de novembro de 1965. A seguir foi enviada à Inglaterra para estudos de enfermagem. Depois de completar seus estudos, em 1970 foi destinada para o Quênia, onde fez sua profissão perpétua em 19 de novembro de 1972.

Em Nyeri, Leonella trabalhou com entusiasmo missionário no hospital diocesano *Mathari* como enfermeira chefe da ala da maternidade e na formação de enfermeiras e enfermeiros na escola que era anexa ao hospital. Em 1975 passou a ser responsável pela pediatria do *Nazareth Hospital* de Kiabvu, próximo a capital Nairobi. Entre 1978 e 1985 Ir. Leonella se formou em dois cursos acadêmicos que lhe deram o diploma de chefe de enfermagem, obstetra, docente de enfermagem e assistente social sanitária, tornando-a hábil para dirigir a escola para enfermeiras no *Nkubu Hospital*, em Meru.

¹⁰⁸ ALLAMANO, José. **Discípulos em Missão – Um caminho de espiritualidade**; trad. Pe. Jordão Maria Pessatti. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 2007. p. 188.

Em 1993, foi nomeada Superiora Regional no Quênia, serviço que desempenhou com entusiasmo e coragem durante seis anos. Em 1994 ela decidiu deixar a direção do *Nazareth Hospital* e da escola de enfermagem às congregações locais.

Ao concluir sua missão como Superiora Regional, foi-lhe pedido colaborar na organização de uma escola de enfermagem em Mogadíscio, na Somália. Ir. Leonella se apresentou disponível para trabalhar no projeto e iniciou o trabalho em novembro de 2001 mesmo sabendo que os desafios eram muitos. Por ocasião do natal deste mesmo ano, Ir. Leonella escreveu aos amigos do Centro Missionário Diocesano de Piacenza:

Mogadíscio é ainda uma zona muito “quente” de projéteis e outras atividades pouco sábias... A população pobre está verdadeiramente cansada e reduzida ao extremo. A juventude, depois de onze anos de guerra civil, perdeu a esperança e deseja uma vida sem violência.¹⁰⁹

Ao iniciar o curso de enfermagem, os fundamentalistas islâmicos começaram a suspeitar de que por meio da escola Ir. Leonella pudesse fazer proselitismo e formar cristãos. Como esperado, seu trabalho passou a ser ameaçado constantemente, sendo necessário colocar vigias no hospital, na casa das irmãs e no restante da vila.

Certo dia, ao ser questionada sobre como estavam as coisas na Somália, ela afirmou: “Há um projétil onde está escrito o meu nome e só Deus sabe quando chegará”¹¹⁰. Com isso é possível afirmar que Leonella tinha consciência do risco que ela corria, porém ela deixou de lado o medo e fez de sua vida, com pequenos gestos de amor, a entrega diária de amor a Deus e aos irmãos.

Não passou muito tempo e logo começou a ficar cada vez mais impossível permanecer em paz naquele lugar rodeado de bombas e ameaças. Passados 4 anos, no dia da entrega do diploma ao primeiro grupo de enfermagem, os formandos quiseram usar a toga. O fato desencadeou a reação daqueles que procuravam um pretexto para eliminá-la. Começaram insinuando que irmã Leonella estava convertendo os estudantes para o cristianismo, pois já se vestiam como os “padres”.

No domingo, 17 de setembro de 2006, tendo concluído as aulas, Leonella saiu da escola e se dirigiu para casa. Ao chegar ao portão, ela foi atingida com sete balas. Seu guarda costas Mohamed Mahamud, pai de quatro filhos, também foi morto ao tentar defende-la.

¹⁰⁹ SARTORI, Barbara. **A coragem do perdão**. Trad.: Irmãs Missionárias da Consolata. São Paulo: Impressão Particular, 2015. p. 51.

¹¹⁰ Ibidem, p. 9.

Antes de morrer, Leonella foi levada ao hospital e com um fiozinho de voz, disse: “Perdoo, perdoo, perdoo”.¹¹¹

A melhor síntese da vida de Ir. Leonella Sgorbati foi feita por Bento XVI na oração do Angelus em 24 de setembro de 2006. Ele assim testemunhou: “Esta religiosa, que desde há muitos anos servia os pobres e os pequeninos na Somália, expirou pronunciando a palavra “*perdão*”: este é o mais autêntico testemunho cristão, sinal pacífico de contradição que demonstra a vitória do amor sobre o ódio e o mal”.¹¹²

No dia 8 de novembro de 2017, o Papa Francisco a reconheceu como mártir pela fé. Em 26 de maio de 2018, foi beatificada na Catedral de sua diocese de Piacenza, na Itália. Hoje toda a Igreja a reconhece como uma mulher de grande força que se entregou totalmente ao Senhor e ao seu povo, à custa de sua própria vida.

4.3. A missão das Missionárias da Consolata na Somália

A presença das Missionárias da Consolata na Somália¹¹³, remonta aos inícios do Instituto pelo desejo de José Allamano de que suas filhas fossem levar a consolação àqueles que não eram cristãos. No dia 9 de dezembro de 1924 partiram da Itália as primeiras quatro irmãs para a colônia italiana estabelecida em solo africano. Em março de 1925 juntaram-se a elas mais quatro irmãs do Quênia para unir esforços, pois elas eram a única presença de religiosas no país. Ao saudar as suas filhas, José Allamano lhes disse: “Ide, semeiem, não importa se não recolherem os frutos agora, pois o Senhor e Nossa Senhora os recolherão”¹¹⁴.

A finalidade da missão católica na Somália não era fazer proselitismo, mas dar testemunho da vida cristã e amor aos irmãos mais pobres e desamparados. Para atingir este fim, as irmãs dirigiam a grande maioria das obras realizadas para atender as necessidades da população local como escolas, ambulatórios, orfanatos, assistência social e enfermarias.

¹¹¹ MZÉ, Paulo. **Breve perfil da vida de irmã Leonella**. Disponível em <https://www.revistamissoes.org.br/2018/05/mais-uma-bem-aventurada-da-consolata/>. Acesso em 10 de jul. de 2019.

¹¹² BENTO XVI. **Angelus - Castel Gandolfo**, 24 de Setembro de 2006. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf_ben-xvi_ang_20060924.html. Acesso em 16 de jul. de 2019.

¹¹³ A Somália está localizada na porção mais oriental do continente africano. Seu território, banhado pelo Oceano Índico, limita-se a oeste com a Etiópia, a noroeste com Djibuti e ao sul com o Quênia. O território somali foi dominado por portugueses, ingleses, franceses e italianos que controlaram algumas cidades do país, que conquistou a independência no dia 1º de julho de 1960. Desde então, a Somália passou a ser governada por ditadores e por grupos rebeldes. Essa situação deflagrou, em 1990, uma guerra civil entre clãs rivais que lutam pelo domínio do poder nacional. No início do século XXI, milícias islâmicas estabeleceram bases no país, inclusive a Al-Qaeda (organização terrorista liderada por Osama Bin Laden).

¹¹⁴ Cronache di Casa Madre, 1925.

Em junho de 1940 a Itália declara guerra ao Reino Unido e tropas italianas invadem a Somalilândia britânica, reconquistada um ano depois. Após a guerra, a Itália renuncia aos direitos à Somália, que fica de 1941 a 1950 sob administração militar britânica. Após a Segunda Guerra Mundial, em 21 de novembro de 1949, a Assembleia Geral da ONU adota uma resolução recomendando que a antiga Somália italiana fosse colocada sob tutela por 10 anos, com a Itália como administradora, com o objetivo de preparar a independência. Neste período, as irmãs começaram a retomar os trabalhos particularmente nas escolas e nos hospitais.

Em 26 de junho de 1960, a Somália britânica tornou-se independente e 5 dias depois, a 01 de julho, o território italiano também foi declarado independente, formando a República da Somália. Com isso, passaram a viver uma democracia rural, tornando-se modelo para os demais países africanos. Todavia, os conflitos internos entre tribos se tornaram incontroláveis, de modo que o governo não conseguiu organizar o povo e estabelecer a paz no país.

Com a intensificação desses conflitos, em outubro de 1969, o general Muhammad Siad Barre lidera um golpe de estado no país¹¹⁵. Em 1972 o Conselho Revolucionário Supremo decretou a nacionalização das escolas particulares e a proibição de fundar novas escolas. Com isso, todas as obras das missões foram nacionalizadas e as possibilidades de apostolado direto foram reduzidas.

Até este momento havia 60 irmãs no país, mas com a nacionalização das escolas, cinco casas foram fechadas obrigatoriamente e 15 irmãs tiveram que voltar para a Itália. Mesmo com esta perda, onze comunidades permaneceram abertas e as irmãs continuaram a exercer no país funções principalmente em hospitais, nas escolas de educação infantil e nas poucas comunidades católicas que havia ali. Durante este tempo, as irmãs passaram a viver ainda mais a valorização do batismo e do ser cristã, vivenciando o amor que Cristo nos ensinou. Elas testemunhavam o Evangelho de Cristo com a vida, dia após dia.

O relacionamento entre as irmãs e os mulçumanos tradicionais era de paz. Muitos tinham respeito com elas e até as chamavam de *minha irmã* quando as encontravam pelas ruas ou nos hospitais. Elas davam a vida pelos sômalos e eles retribuíaam a seu modo a ajuda, respeitando os espaços e agradecendo como podiam. A contribuição das irmãs foi tanta, que Ir. Deodata foi uma das autoras da primeira gramática sômala. Barre também possuía grande respeito por elas, concedendo a gerência dos hospitais e fundos para dar assistência às mulheres no ensino de artesanatos, corte e costura, culinária, entre outros.

¹¹⁵ SANTIAGO, Emerson. **Somália**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/africa/somalia/>>. Acesso em 18 de set. de 2019.

Siad Barre também tinha um bom relacionamento com o bispo da diocese de Mogadíscio, Dom Pietro Salvatore. Porém, com o passar dos anos, Barre passou a adotar uma postura de opressor, assassinando todos aqueles que eram contra seu regime. Isso não agradou o bispo, fazendo com que ele assumisse uma postura de resistência dentro do país. A partir disso, a igreja passou a ser coagida a tal ponto que, no dia 9 de julho de 1989, após celebrar a missa na Catedral de Mogadíscio, Dom Pietro Salvatore foi assassinado na porta de sua casa.

A partir de então as coisas só pioraram. Em 1990, com a crise econômica, política e social, o país entrou em colapso. A queda do regime de Barre se deu em 1991 com uma guerra civil, dando início à luta pelo poder entre os vários clãs somalis. Com a queda do Estado somali, a presença física e visível da Igreja também caiu. As igrejas e as várias construções das missões católicas foram saqueadas e destruídas. Devido a insegurança e a “tribalização” da guerra civil, Dom Giorgio Bertin, então administrador apostólico da Diocese de Mogadíscio, se refugiou na capital do Quênia.

Com o passar dos dias, a situação se agravava ainda mais. Neste mesmo ano, todos os estrangeiros que viviam no país foram expulsos, incluindo todos os missionários que foram obrigados a abandonar seus postos. Sem a proteção do governo e com a violência ao extremo, as últimas irmãs que permaneceram saíram de Mogadíscio em 16 de janeiro de 1991 para o Quênia, logo depois que uma multidão saqueou e incendiou a catedral. A partir disso, começaram a trabalhar com os refugiados que fugiram em grande número para o país vizinho.¹¹⁶

Com a instauração deste caos, a SOS Kinderdorf¹¹⁷ decidiu implantar um serviço pediátrico de emergência em março deste ano, sendo o único serviço sanitário gratuito para a população. Para isso, as irmãs Ir. Marzia Feurra, Ir. Annalisa Costardi, Ir. Gianna Irene Peano e Ir. Maria Bernarda Roncacci retornaram a Mogadíscio para trabalhar como voluntárias da SOS, sendo a única congregação religiosa que permaneceu na Somália durante todo o conflito.

À vista disso, a Igreja encontrou um modo de continuar presente mesmo em meio aos conflitos, por meio das operações humanitárias da Caritas, das Irmãs Missionárias da Consolata e outras organizações de pessoas inspiradas pela fé católica que decidiram permanecer no país. Durante esse período, não era possível fazer apostolado e os poucos cristãos que restaram, corriam risco de morte.

¹¹⁶ BERNOCCHI, Davide. **Noi, donne di Dio nella clausura somala**. Disponível em http://www.caritasitaliana.it/caritasitaliana/allegati/753/IC2006_12.pdf. Acesso em 21 de set. de 2019.

¹¹⁷ SOS Kinderdorf é uma organização não governamental austríaca que se instalou na capital da Somália em 1983 com um orfanato e uma maternidade.

O pequeno grupo de quatro irmãs se tornou para o povo somali uma chama de esperança em meio aos terroristas e do tráfico ilegal que dominavam o país naquele período. Alguns anciãos afirmavam que, enquanto houvesse a presença das irmãs no meio deles era sinal de que Deus não havia os abandonado.

Em 2001, o SOS decidiu iniciar um projeto chamado *Somali Registered Community Nursing* com o objetivo de projetar uma escola para enfermeiros. Para isso, informou às Missionárias da Consolata a possibilidade de se envolverem, seja na participação como na realização do projeto. Ao analisar a situação do país, decidiu-se que lá era um lugar em que precisava de atenção particular.

Ir. Leonella aceitou prontamente o pedido do Instituto e assumiu com coragem a proposta apresentada a ela. Em novembro de 2001, ela chegou à Somália com o desejo de sanar a perda de esperança e mostrar aos jovens que mesmo em meio a tantos conflitos, ainda havia sentido em permanecer lutando pela paz e reerguimento de seu país.

O anúncio da abertura do curso para enfermeiros e enfermeiras, foi divulgado em jornais e rádios locais, o que fez com que a notícia da chegada das Irmãs logo se espalhasse. Depois de apenas 24h de divulgação, “apresentaram-se mais de 100 aspirantes entre 29 e 38 anos, sendo que 24 destes passaram no teste”¹¹⁸. Esses 24 eram compostos por 12 homens e 12 mulheres que iniciaram o curso. Para melhor formá-los, o grupo foi contemplado com aulas em período integral de inglês durante 8 meses e depois 4 anos de enfermagem, obstétrica e saúde pública.

Como diretora da escola, Leonella precisava demonstrar que as noções científicas que seriam ensinadas aos jovens não eram contra o Alcorão e que ela não fazia proselitismo, mas que todas as irmãs respeitavam e valorizavam o diálogo inter-religioso.

Por ter população majoritariamente islâmica, o país aplica penas severas aos habitantes que não seguem as leis do alcorão. Por esse motivo, a missão na Somália exigia que as irmãs vivessem no silêncio e no serviço. Não havia padres que pudessem garantir a assistência espiritual dos poucos cristãos católicos existentes e das irmãs. A Eucaristia, geralmente trazida de Nairobi (Quênia), ficava escondida em um móvel no canto do corredor da casa das irmãs, sendo para elas a única força no caminho.

No jornal local, muitas vezes escreviam contra o S.O.S. e contra as irmãs, advertindo a população a terem cuidado com elas, pois estavam procurando fazer proselitismo. Mesmo

¹¹⁸ Ibidem, p. 54.

assim as pessoas não davam importância, porque sabiam que era apenas propaganda e tinham grande confiança nas irmãs.

Em meio a tantas dificuldades, Ir. Leonella sabia que entre seus alunos, alguns eram fundamentalistas, mas com muita prudência ela mantinha com eles um diálogo aberto. Além dela, as demais irmãs eram conscientes do risco que corriam por estarem ali. As bombas continuaram a cair de todos os lados, mesmo a uma curta distância da casa onde moravam, porém nenhuma delas pensava em abandonar a missão, ainda mais por ser a única presença da Igreja naquela terra e por terem em casa o único sacerdote presente na Somália.

No dia da entrega dos diplomas¹¹⁹ aos primeiros 20 enfermeiros formados, entre eles homens e mulheres, se preparou uma grande festa. Para solenizar o evento, os estudantes usaram a beca para a diplomação, o que despertou espanto entre os muçulmanos. Com isso, começaram a dizer que Ir. Leonella estava convertendo seus estudantes. Os mais radicais ainda, ao verem os jovens vestidos com a beca, disseram que ela estava vestindo eles de “padres” e por isso decidiram eliminá-la. Por fim, em 17 de setembro de 2006, após um dia comum de aula, Ir. Leonella foi assassinada ao sair da escola de enfermeiros que ela dirigia.

4.4. Aspectos carismáticos vividos por Leonella Sgorbati.

Ao analisar os aspectos principais da vida de Ir. Leonella e ouvir os testemunhos de pessoas que com ela conviveram, vemos que seu derramamento de sangue já havia sido precedido por uma vida de entrega progressiva à adesão e ao amor a Jesus. No dia 19 de novembro de 1972, após 2 anos no Quênia, ela fez sua profissão perpétua se consagrando definitivamente ao Senhor. De modo surpreendente, ela escreveu à mão e com o próprio sangue, as palavras de sua profissão:

Eu, Ir. Leonella, agradecida a Jesus Cristo que deu a sua vida pela salvação dos homens, na firme vontade de segui-lo, consagro a minha vida a Deus para o apostolado missionário. Na presença da Comunidade e pelas tuas mãos, Madre Germana, faço a Deus voto de castidade, obediência e pobreza, segundo as regras do Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata em perpétuo e me confio a esta família a fim de que, com a graça do Espírito Santo e a materna proteção de Maria Santíssima Consolata, eu possa alcançar a perfeita caridade no serviço a Deus e à Igreja. Amém.¹²⁰

Nesta mesma ocasião, ela condensou esse seu sim em uma frase que escreveu à Ir. Paolina Emiliani, sua formadora do noviciado:

¹¹⁹ Os diplomas eram válidos internacionalmente, pois Ir. Leonella havia conseguido o reconhecimento da Organização Mundial da Saúde (OMS).

¹²⁰ CONTI, Renata. **Scritti della Beata Leonella Sgorbati, martire**. Torino: Effatà Editrice, 2019. p. 228.

Desejaria que junto do Senhor pudéssemos afirmar aquilo que às vezes cantamos na Igreja e que eu não tenho coragem de dizer: ‘Senhor, com o coração simples e alegre eu dei tudo’. Porém eu espero que um dia o Senhor, na sua bondade, me ajudará a dar-lhe tudo ou Ele tomará... pois ele sabe que é isso que eu quero realmente, Ele sabe¹²¹.

Com isso, vemos que essa entrega silenciosa e diária teve seu ápice no “Mês Allamaniano”¹²² realizado em Castelnuovo Don Bosco (Itália) em fevereiro de 2006 quando ela se sentiu atraída pela vocação do martírio. No dia 18 de fevereiro, Leonella escreveu em seu diário:

Senhor, Tu te entregas a mim na Eucaristia, um dom para sempre, para cada momento. Jesus Filho, Jesus amor, Espírito Santo, Maternidade de Deus, impregna-me, permeia-me. Senhor Jesus, reciprocidade do amor, Tu me dás o teu corpo e o teu sangue, e eu te dou tudo de mim, o meu corpo, o meu sangue e meu ser inteiro. Sou tua.¹²³

Portanto, as palavras do Evangelho de João “Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54)¹²⁴, tornaram-se realidade na vida de Leonella a tal ponto que era possível contemplá-las na sua vida e na sua carne a partir daquela experiência com o Senhor.

Isto se deu, porque desde o começo de sua vida, Leonella foi se nutrindo de uma íntima união com Cristo por meio de sua Palavra, fazendo com que todas as suas ações fossem conduzidas por Ele. Como lemos em seu diário “quanto desejo que o meu coração seja só teu, ó Senhor, totalmente e plenamente... tua para sempre, ó Senhor, meu Senhor”¹²⁵, ela entregava-se continuamente àquele que era o centro de sua vida, dia após dia.

No seu caminho de comunhão com Jesus, Leonella também alimentava grande amor por Maria, sua terníssima mãe. Um dia, estando diante de sua imagem com Jesus morto em seus braços ela disse: “Mãe, minha mãe, o teu abraço aperta em teu seio a Redenção deste mundo. Mãe, o corpo de seu Filho dilacerado se faz um com o seu em uma união de amor ardente, de dor, de entrega total”¹²⁶ e concluiu sua reflexão, invocando Maria como Mãe dos mártires.

Leonella era apaixonada pela sua vocação e vivia com alegria, sentindo-se realizada na sua doação total ao Senhor. Na comunidade, era fiel às atividades comuns e dava grande importância ao recreio. Sempre generosa para com os outros, utilizava sempre a medida

¹²¹ Gabinete de Postulação, Nepi. **Escritos pessoais**, Correspondência, carta n. 1, Cópia Pública VI, 002232.

¹²² O Mês Allamaniano é um tempo de caminho espiritual guiado, personalizado, vivido em absoluto silêncio e em oração. Baseia-se nas palavras de Deus e na vida espiritual do Bem Aventurado José Allamano. Neste ano, o percurso foi guiado por Ir. Chiaretta Bovio, Missionária da Consolata.

¹²³ CONTI, Renata. **Scritti della Beata Leonella Sgorbati, martire**. Torino: Effatà Editrice, 2019. p. 197.

¹²⁴ **A Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 1315.

¹²⁵ Diário I de 20.12.1983.

¹²⁶ *Ibidem*, 8.05.1995.

grande com os outros e se contentava com o pouco para si. Mesmo com a saúde precária, nunca deixou a oração e o trabalho. “Muitas vezes as dores nos pés eram muito fortes e ela tinha dificuldades na subida para chegar à escola; nós procurávamos caminhar a seu passo”¹²⁷, disse Ir. Marzia que morou na Somália com Ir. Leonella.

Sempre muito compreensiva com seus alunos, ela ajudava a todos, especialmente aqueles que tinham dificuldades em aprender os conceitos. Caso fosse preciso, atendia individualmente aqueles que quisessem, de modo que todos conseguiram evoluir nos estudos. Mesmo em meio aos desafios na Somália, ela era consciente de que seu trabalho poderia mudar a forma de vida daqueles jovens, por isso não media esforços para ajudá-los. Leonella considerava essencial demonstrar a importância dos estudos e que as noções científicas não eram contrárias ao Alcorão.

Se na sua relação pessoal com o Senhor Ir. Leonella amadureceu a convicção de que ela era chamada a doar sua vida pelo Reino, não se pode negar que a experiência do martírio que ela viveu se deve ler no contexto da pequena comunidade que em terra somala, fez do martírio silencioso e cotidiano, seu estilo de vida. Nela, cada irmã foi doando gota a gota o próprio sangue, como finalidade de tornar presente o amor de Deus no meio do povo.

A partir disso, vemos que Leonella foi agraciada por Deus entre as demais, porque no seu corpo permaneceram os sinais visíveis desta paixão que toda a comunidade viveu nesses anos de incertezas, anarquia e violência. Todo mártir se entrega por uma causa muito maior que ele mesmo, de maneira que o derramamento do sangue é uma consequência do desejo de entrega total a Deus e aos irmãos.

Muitas pessoas foram testemunhas e contribuíram para que pudéssemos compreender ainda mais a vida que Ir. Leonella levava. Uma delas é Dom Giorgio Bertin, Bispo de Djibuti e Administrador Apostólico de Mogadíscio que em uma entrevista à Agência Fides recordou:

Eu brincava sempre com ela. Visto que era uma mulher robusta, lhe dizia que tinha um coração maior do que ela. E era assim: embora com alguns problemas de saúde, Irmã Leonella estava decidida a continuar sua obra de ajuda ao povo somali. Infelizmente, um tiro parou o seu grande coração.¹²⁸

Unida a Jesus, a vida de Ir. Leonella adquire o perfume do evangelho e reconta a beleza de uma humanidade plena e fascinante, que sabe reinterpretar a dimensão fundamental

¹²⁷ Positio, Suor Marzia Feurra, testimonianza Teste III.

¹²⁸ AGENZIA FIDES. **África/Somália**. Disponível em http://www.fides.org/pt/news/8258-AFRICA_SOMALIA_Gostava_de_brincar_com_Irma_Leonella_quando_lhe_dizia_que_tinha_um_coracao_be_m_maior_do_que_seu_peso_assim_o_Administrador_Apostolico_de_Mogadiscio_recorda_a_missionaria_morta_na_Somalia. Acesso em 05 de out. de 2019.

da sua existência à luz da fé. E assim, o perfume do evangelho, que é a superabundância do amor (Jo 12,1ss), torna-se expressão do dom total até o derramamento de sangue.

Destarte, através desse pequeno estudo, podemos concluir que Leonella não sabia exatamente como este chamado forte de entrega que ela sentia seria concretizado, mas ela tinha certeza que se tratava do dom da sua própria vida e de maneira radical. Gradativamente ela foi dizendo o seu *sim* como José Allamano exortava suas filhas, vivendo os conselhos evangélicos na sua totalidade. Sendo assim, suas últimas palavras não podiam ser outras, a não serem as mesmas de Jesus: “perdo, perdo, perdo”¹²⁹.

Por fim, podemos defini-la como mulher totalmente apaixonada por Deus, por Jesus Eucarístico e por Maria, que percorreu toda sua vida marcada por este amor incondicional a ponto de sentir-se uma coisa só com Cristo, dono da graça que seria concretizada com o martírio. Ela é modelo de mulher, de religiosa e de missionária para toda a Igreja, que continua sofrendo perseguições e desafios imensuráveis na partilha e propagação da Boa Nova. Que Ir. Leonella, mártir do perdão, interceda por nós na busca da nossa entrega total e no exercício do perdão como elemento principal da nossa relação com os irmãos.

4.5. Repercussão mundial após sua morte.

A morte de Ir. Leonella teve repercussão mundial, pois o seu assassinato ocorreu alguns dias após o famoso discurso proferido pelo Papa Bento XVI em 12 de setembro de 2006 na Universidade de Ratisbona¹³⁰. Ao abordar temas sobre a fé, o fanatismo, o islamismo e a ciência versus religião, líderes muçumanos se sentiram ofendidos e começaram a ameaçar o Papa. Com isso, associaram sua morte a este fato, porém vemos que as ameaças a Ir. Leonella já haviam sido realizadas anteriormente por grupos extremistas muito antes deste discurso de Bento XVI.

Por isso, houve muita procura de informações sobre Ir. Leonella, o que contribuiu para que sua história de vida fosse espalhada pelo mundo. Aos poucos, o Instituto começou a receber inúmeras mensagens de apoio e solidariedade. O Monsenhor Simon Atallail, Arcebispo Maronita de Baalbek (Líbano) disse:

Participo como cristão, árabe, à dor de todas as Missionárias da Consolata, pela morte de Ir. Leonella e exprimo a minha gratidão pela vossa presença no nosso mundo tão agredido. Queira o céu que o martírio dessa vossa coirmã faça germinar

¹²⁹ Positio, Testimonianza Suor Chiaretta Bovio Teste XXIX.

¹³⁰ Conf. BENTO XVI. **Encontro com os Representantes das Ciências**. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html.

a paz e que jamais tenhamos motivos de pranto pela violência gerada pela intolerância religiosa.¹³¹

Concluimos com o testemunho de Enrico Mazzini, presidente do SOS, instituição em que Ir. Leonella doou seus últimos anos. Ele nos diz:

[...] Para nós Ir. Leonella era importante, exemplo vivente de abnegação e de amor para aqueles que sofrem, porque ela tinha uma carga humana que a levou, quase no final de sua missão, a aceitar uma nova missão, aquela de dar a vida à Escola de Formação para Enfermeiros em Mogadíscio com empenho, coragem e amor para o próximo, até os últimos instantes de sua vida. Fará para nós muita falta, Ir. Leonella, nos faltará a sua experiência e a sua profissionalidade, mas sobretudo, nos faltará a sua capacidade de doar aos outros, no espírito da verdadeira caridade cristã, descuidando dos próprios riscos e das próprias dificuldades.¹³²

Atualmente na Somália, graças ao testemunho de Ir. Leonella e das demais irmãs, um número crescente de cristãos continua a testemunhar, mesmo a preço da própria vida, que o amor pascal é mais forte que a morte. Assim, suas palavras de perdão tornaram-se exemplo de como viver com os olhos voltados para Jesus, fazendo com que enfrentem a morte pronunciando palavras de vida.

¹³¹ Andare alle genti, p.14.

¹³² Idem, p.15.

CONCLUSÃO

O presente estudo desenvolveu, por meio de pesquisa teórica e análise empírica, uma reflexão sobre a mulher como aquela que testemunha Cristo integralmente em sua vida. Isto se deu, pois nos deparamos com o desafio de resgatar a importância que a mulher tem na Igreja nos dias atuais, tornando esta indagação o eixo de todo o trabalho.

Para isso, iniciamos nosso estudo a partir da fonte primordial, a Sagrada Escritura, para aprofundarmos o nosso conhecimento nas bases fundantes da nossa Igreja e encontrarmos elementos históricos e de fé relevantes a cerca da mulher. Isto nos possibilitou resgatar figuras emblemáticas que souberam representar seu povo, sua história e identidade com o bom uso das características próprias do feminino.

Vimos que tanto no Antigo como no Novo Testamento, as mulheres foram capazes de encontrar seu espaço na história, servindo de fortaleza para os homens à sua volta. Estas que marcaram profundamente a vida de Jesus, como Maria sua mãe, tornaram a comunidade nascente viva e abundante, capaz de dar continuamente frutos para o Reino de Deus.

Tendo por base essa vivacidade da Igreja, o cristianismo foi capaz de se alicerçar no sangue derramado de tantos mártires, entre eles mulheres corajosas e desejosas de seguir a Cristo até o fim, possibilitando a disseminação da fé e do testemunho de amor que permeava cada mártir. Sendo assim, nosso segundo capítulo apresentou as personagens mais emblemáticas dos primeiros séculos do cristianismo a fim de ressaltar a beleza daquelas que souberam amar a Cristo e aos irmãos na radicalidade total da adesão à fé e a entrega de suas vidas.

Dando sequência ao estudo, o terceiro capítulo expôs a visão que o Magistério recente da Igreja tem da mulher, bem como os desafios encontrados na atualidade perante as injustiças e desigualdades da sociedade atual. Com isso, buscou-se apresentar figuras de grande importância no período dos Padres da Igreja que são inspiração para cada cristã que luta por uma vida de equidade entre os homens, bem como para a Igreja que procura dar respostas encorajadoras àquelas que necessitam.

Por último, apresentamos como testemunha da atualidade, a Bem Aventurada Leonella Sgorbati, denominada pela Igreja como mártir do perdão. Por meio dela, nosso estudo tornou-se vida para esse tempo de tantas incertezas e desamor. Como mulher, ela foi capaz de se doar inteiramente ao próximo por amor a Jesus e Maria, regando com seu sangue a terra para a fertilização de novas sementes para o cristianismo.

Por isso, através desse estudo tivemos a oportunidade de adquirir ferramentas que possibilitaram a resolução do problema apresentado como fio condutor da nossa pesquisa, levando-nos a compreender que a valorização da mulher se dá pelo conhecimento das habilidades próprias do ser feminino. Isso se dá pelo estudo de acontecimentos históricos e de exemplos de mulheres que possibilitam conhecer pontos relativos ao papel da mulher, tanto na sociedade como na comunidade cristã.

A partir disso, vemos a importância deste estudo nos dias atuais em que a desvalorização do humano e a valorização do superficial crescem a cada dia. Somos seres que foram criados para a complementariedade e para o cuidado com a Criação, obra de Deus. Portanto, devemos nos esforçar na luta pelo resgate da vida, fazendo com que cada ser humano tenha sua dignidade garantida, tanto dentro como fora da Igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES

A BÍBLIA – Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1995.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**; trad. Alex Martins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

AMBRÓSIO, de Milão. **Tratado sobre as Virgens**. In Liturgia das Horas v. 3. São Paulo: Editora Vozes, Paulinas, Paulus, Ave Maria, 1995. pp. 1196-1197.

ATTI E PASSIONI DEI MARTIRI, Bastianensen, A. A. R. (Ed.). Texto critico e commento a cura di A. A. R. Bastianensen, A. Hilhorst, G.A. A. Kortekaas, A. P. Orbán, M. M. van Assendelft. Traduzioni di G. Chiarini, G. A. A. Kortekaas, G. Lanata, S. Ronchey. Milano: A. Mondadori, 1987.

BENTO XVI. **Angelus – Festa Litúrgica de Santo Estevão Protomártir** – Praça de São Pedro, 26 de Dezembro de 2007. Disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20071226_st-stephen.html. Acesso em 15 de mar. de 2019.

_____. **Angelus** - Castel Gandolfo, 24 de Setembro de 2006. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf_ben-xvi_ang_20060924.html>. Acesso em 16 de jul. de 2019.

_____. **Audiência Geral de 14/02/2007**. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070214.html>. Acesso em 03 de jun. de 2019.

_____. **Encontro com os movimentos católicos para a promoção da mulher**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20090322_promozione-donna.html. Acesso em 22 de ago. de 2019.

_____. **Encontro com os Representantes das Ciências**. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html.

CESAREIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. Tradução Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja**. 15 ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Apostolorum Apostola**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_do_c_20160610_articolo-roche-maddalena_po.html>. Acesso em 03 de jun. de 2019.

FRANCISCO. **A Igreja é mulher e mãe.** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html . Acesso em 22 de ago. de 2019.

_____. **A mulher é a harmonia do mundo.** Disponível em: http://m.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170209_mulher-harmonia-mundo.html. Acesso em 26 de ago. de 2019.

JOÃO PAULO II. **Carta às Mulheres.** 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. Carta Apostólica **Mulieris Dignitatem.** São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal **Christifideles Laici.** São Paulo: Paulinas, 2004.

PADRES APOSTÓLICOS. **Inácio de Antioquia.** São Paulo: Paulus, 2015.

PAULO VI. **Mensagem na conclusão do Concílio Vaticano II às Mulheres.** Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html. Acesso em 21 de agosto de 2019.

2. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGENZIA FIDES. **África/Somália.** Disponível em http://www.fides.org/pt/news/8258-Africa_Somalia. Acesso em 05 de out. de 2019.

ALEXANDRE, M. **Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos.** In: PERROT, M. D. G. História das mulheres no Ocidente 1: a Antiguidade. Tradução Maria Helena C. Coelho e Alberto Couto. Porto: Edições Afrontamento, 1990. pp. 511-563.

ALLAMANO, José. **Discípulos em Missão** – Um caminho de espiritualidade; trad. Pe. Jordão Maria Pessatti. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 2007.

AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da Igreja: os testemunhos das cristãs primitivas;** trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

ARNS, Paulo Evaristo. GORGULHO, Gilberto. ANDERSON, Ana Flora. **Mulheres na Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 2004.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica.** São Paulo: Loyola, 1973. p. 733-740.

BERARDINO, Angelo D. (Org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.** São Paulo: Petrópolis : Paulus e Vozes, 2002.

BERNOCCHI, Davide. **Noi, donne di Dio nella clausura somala.** Disponível em http://www.caritasitaliana.it/caritasitaliana/allegati/753/IC2006_12.pdf. Acesso em 21 de set. de 2019.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo.** J. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.

CONTI, Renata. **Scritti della Beata Leonella Sgorbati martire**. Torino: Effatà Editrice, 2019.

DANIEL-ROPS. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 1991.

EISENBERG, Josy. **A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico-sociológico**. São Paulo: Paulinas, 1997.

FERGUSON, Sinclair B. WRIGHT, David F. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

FIORINZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

LELOUP, Jean-Yves. **Maria Madalena na Montanha de Sainte-Baume: a vida de uma mulher eremita, selvagem e angelical**. Tradução de Karin Andrea de Guise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LIFSCHITZ, Daniel. **Homem e mulher, imagem de Deus: o Sábado: a Hagadá sobre Gênesis 2**. São Paulo: Paulinas, 1998.

MISSIONÁRIAS DA CONSOLATA. **Quem somos**. Disponível em <http://mc.consolata.org.br/quem-somos/>. Acesso em 04 de abr. de 2019.

MZÉ, Paulo. **Breve perfil da vida de irmã Leonella**. Disponível em <https://www.revistamissoes.org.br/2018/05/mais-uma-bem-aventurada-da-consolata/>. Acesso em 10 de jul. de 2019.

PEDRÓS, Sira Carrasquer. **Madres Orientales**. Espanha: Editorial Monte Carmelo

PERRONI, Marinella. **Uma Apóstola sem história: a tradição canônica**. In PERRONI, Marinella. SIMONELLI, Cristina. **Maria de Magdala: uma genealogia apostólica**. Prior Velho: Paulinas, 2017.

ROUSSELLE, A. **Porneia: sexualidade e amor no mundo antigo**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTA ANASTÁCIA. Disponível em: <<http://www.arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santa-anastacia>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

SANTIAGO, Emerson. **Somália**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/africa/somalia/>>. Acesso em 18 de set. de 2019.

SARTORI, Barbara. **A coragem do perdão**. Trad.: Irmãs Missionárias da Consolata. São Paulo: Imprensa Particular, 2015.

SAXER, V. **Culto dos mártires, dos santos e das relíquias**. In: DI BERARDINO, A. (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Tradução Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 896.

VEYNE, P. **O império romano**. In: VEYNE, P. (Org.). História da vida privada 1: do império romano ao ano mil. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.